

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

LUIZ FERNANDO CONFESSOR RODRIGUES

**A GUERRA RELÂMPAGO (Blitzkrieg) ALEMÃ: da teoria
à capacitação estratégica, tática e tecnológica bélica e militar ao êxito
nos campos de batalha (1939-1940).**

UBERLÂNDIA – 2015

LUIZ FERNANDO CONFESSOR RODRIGUES

A GUERRA RELÂMPAGO (Blitzkrieg) ALEMÃ: da teoria à capacitação estratégica, tática e tecnológica bélica e militar ao êxito nos campos de batalha (1939-1940).

Trabalho de conclusão de curso (monografia) apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação licenciatura e Bacharelado em **História** na Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva.

UBERLÂNDIA - 2015

A GUERRA RELÂMPAGO (Blitzkrieg) ALEMÃ: da teoria à capacitação estratégica, tática e tecnológica bélica e militar ao êxito nos campos de batalha (1939-1940).

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para conclusão do curso de graduação licenciatura e bacharelado em **História**, da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva

Prof.^a. Dr.^a Carla Miucci Ferraresi de Barros

Prof.^a. Dr.^a Mônica Campo Brincalepe

APROVADO

REPROVADO

13/02/2015

SUMÁRIO

Introdução	05
Cap. I – A guerra relâmpago: do conceito à capacitação estratégica, tática e operacional.	
1.1 – A reestruturação econômica e política da Alemanha (1933-1939)	09
1.2 - A Guerra relâmpago: definição, padrões estratégicos e tecnológicos	13
1.3 - Da reorganização militar à consolidação do poderio bélico	25
1.4 – Preparativos, treinamentos e a formação dos arsenais	33
Capítulo 02: A guerra relâmpago em cena	
2.1 – A conquista da Polônia	39
2.2 - Dinamarca e Noruega	48
2.3 – A frente ocidental: Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França	52
Considerações finais	60
Referências bibliográficas	63

Introdução

Por mais que a guerra, em todas as suas formas, suscite geralmente horror, não se pode apagá-la, porque as principais mudanças de uma fase para outra do desenvolvimento histórico global foram, em grande parte, seus produtos.¹ Ela é um dos determinantes fundamentais do sistema internacional: favorece a sobrevivência ou a eliminação de certas unidades políticas, garante expansões, fomenta declínios, estipula fronteiras, mantém ou substitui governos, cria e/ou soluciona conflitos e possibilita o estabelecimento de equilíbrio de poder ou a preponderância de um Estado no cenário global.²

Há que lembrar-se que a guerra não deixa de ser um instrumento a serviço da política. Trata-se da sua continuação, respondendo, ambas, às regras da mesma gramática, ainda que suas sintaxes sejam diferentes. Constitui-se num dos meios que as unidades políticas soberanas, dotadas da capacidade e vontade para distinguir as suas constelações de amigos e de inimigos, usam entre si para impor suas vontades, alcançar dados objetivos, conseguir vantagens, defender interesses, impedir a insubordinação e domar as desobediências.³

Observa-se no cenário internacional uma contínua correlação de forças entre os Estados em prol da conquista e posse dos instrumentos de poder, especialmente aqueles de cunho bélico militar, no intuito de desencorajar as agressões dos adversários e assim gozarem da paz e/ou para fomentar temor, respeito e/ou admiração. Assim sendo, percebe-se que as razões e os objetivos políticos de cada uma das unidades políticas constituem-se de variados níveis e formam um complexo tabuleiro em que os caminhos são plurais. E é justamente, diante desta ampla gama de possibilidades e variáveis que ganha importância a estratégia como um código a esclarecer as perspectivas e os instrumentos para a eficaz inserção de cada um dos Estados neste sistema denso de correlação de forças, seja nos momentos de negociação, via diplomatas – em tempos de paz, ou para preservação/obtenção de vantagens julgadas essenciais, nos momentos de embate militares - em tempos de guerra.⁴

Por sua vez, sabe-se que nos últimos anos tem crescido entre os historiadores a pesquisa e a utilização dos jornais como fontes históricas, tendo-se em conta o princípio da intertextualidade, ou seja, o entendimento de que as narrativas, textos e discursos resultam de

¹ BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade**: para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 510.

² BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica**: um estudo da ordem na política mundial. Brasília: ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. p. 214.

³ BOBBIO, Norberto. Op. Cit. pp. 221/2 e SAINT-PIERRE, Héctor Luís. **A política Armada**: fundamentos da luta armada. São Paulo: ed. Unesp, 2002. p. 34.

⁴ ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Ed. UnB, 1986. pp. 129-130.

um processo de produção de sentido, decorrente das experiências sociais prévias, que podem vir expressas nas narrativas (memórias) e nas imagens.

Contudo, compete não esquecer o importante fato de que as narrativas são ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e, portanto, um conjunto de eventos isolados (sejam acontecimentos do passado, assunto da história, ou do presente, material do jornalismo) somente configuram-se como narrativa, a partir do momento em que são correlacionados mediante a supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante, ou seja, a partir da urdidura do enredo, operação que transforma os acontecimentos postos em uma simples ordem cronológica temporal numa escrita, propriamente dita.⁵

Deste modo na utilização do jornal como fonte de pesquisa implica em considerar-se que o mesmo “... não é um transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos e tampouco uma fonte desprezível porque esta permeada pela subjetividade”, ele é também um “instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”, o que implica estudá-lo como agente da história e a captar o “o movimento vivo das ideias e personagens” que circulam por suas páginas.⁶

Sabe-se que a década de 1930, entre outras coisas, foi marcada pela ascensão do nazismo alemão, notadamente de Hitler e de seu projeto totalitário. A máquina bélica dos alemães somou-se o surgimento do pensamento estratégico e tático da Blitzkrieg ou guerra relâmpago, que foi o foco deste trabalho.

A partir destes parâmetros teóricos e instigados pelo tema da guerra relâmpago alemã realizou-se uma investigação interdisciplinar compreendendo as áreas de história, estratégia e ciência política, onde foram buscados aspectos informativos e teóricos que foram integrados as fontes documentais.

O recorte temporal selecionado compreende o período de 01 de setembro de 1939, que marca a invasão da Polônia pelas tropas alemãs, a 25 de junho de 1940, data da assinatura de um armistício pelo franceses, após a capitulação de Paris. Esse período foi selecionado por marcar a utilização, já no teatro da segunda guerra mundial, da guerra relâmpago e a consolidação de significativas conquistas alemãs advindas da aplicação da sua estratégia e táticas pelos alemães.

⁵ WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios de crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994. pp. 98-100.

⁶ CAPELATO, M. H. R. **História e imprensa**. São Paulo: EDUSP/Contexto, 1988. p. 21.

Efetuada as delimitações temáticas e temporais indagou-se quais os pressupostos estratégicos e táticos, operacionais e tecnológicos fundamentaram a guerra relâmpago? Quais os passos e os caminhos adotados pelas forças armadas alemãs em preparação para a adequação a esta nova estratégia? Quais as táticas, tecnologias e recursos bélicos foram empregados, no início do conflito? Quais as repercussões operacionais para/no cenário de combate europeu, quando a guerra relâmpago foi colocada em ação?

Sabe-se que em um estudo de História começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural, a seleção das fontes consiste em *produzir* tais documentos pelo simples fato de recopilar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto proposto *a priori*.⁷

Assim para traçar o cenário político e estratégico alemão foi utilizada a pesquisa bibliográfica, em suportes materiais e digitais, objetivando compor um arcabouço informativo e interpretativo do período que após a confrontação e a crítica, foi utilizado na composição das análises e elucidação das indagações propostas no trabalho. Para ilustrar os impactos e as repercussões da Blitzkrieg foram usadas reportagens do Jornal do Brasil, ano XLIX número 206 do dia 01 de Setembro de 1939 ao fascículo, do ano L, número 147 do dia 25 de junho de 1940.

Finalmente, o texto foi dividido em duas partes: na primeira estão descritas as condições políticas e econômicas da Alemanha, os pressupostos estratégicos, táticos, operacionais e tecnológicos da guerra relâmpago e as adequações organizacionais e funcionais dos arsenais e das tropas alemãs ao novo conceito militar. Na segunda, estão descritas as movimentações e ações operacionais que permitiram o sucesso incontestável das forças alemãs no teatro de guerra, provando a superioridade militar de sua estratégia no campo de batalha, que lhe permitiu, em 10 meses, conquistar a Polônia, Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica Luxemburgo, Dinamarca e a França, colocando o destino das potências europeias em risco, numa guerra em que apenas davam-se os primeiros passos e em que a dianteira alemão era contundente.

⁷ CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 81.

Cap. I – A guerra relâmpago: do conceito à
capacitação estratégica, tática e
operacional.

1. 1 – A reestruturação econômica e política da Alemanha (1933-1939)

A experiência nazista inspira e é tema de debates acalorados em toda parte do mundo, pois representa singular momento na história e de tal forma tem suas facetas particulares e seus conflitos políticos e sociais.⁸ Dele fazem parte, as privações trazidas pela economia de guerra, o terror e a repressão impostas aos germânicos, a mudança de vida estruturada por um regime muito bem articulado por líderes que mitificaram e criaram um novo estilo de vida onde se ergueriam sob um novo contexto, uma nova realidade, um novo *ethos*, firmado, é claro, pela força da persuasão e a ponta da metralhadora.

Para começar a compreender este mosaico e entender como Hitler chegou ao poder e se tornou uma das figuras mais discutidas no mundo e como a sociedade alemã embarcou numa experiência tão cruel que chegou ao ponto de racionalizar a eliminação de seres humanos é preciso retornar-se ao Tratado de Versalhes que impôs uma série de restrições à Alemanha, após a derrota na Primeira Guerra Mundial.

Entre as cláusulas do tratado estava a obrigação imposta aos alemães de pagarem dívidas do conflito, que somavam valores extremamente altos. Mergulhados numa economia que se encontrava em ruínas pelos anos de guerra, submetidos ao dever de pagar a conta das destruições causadas e subtraído do domínio de importantes regiões econômicas como a Alsácia-Lorena e a Alta Silesia, detentoras de uma alta produção de carvão e que representaram, também, uma população de aproximadamente 10%, os alemães ressentiam-se.⁹

Não bastasse as restrições econômicas, o Tratado de limitava-a militarmente ao estabelecer que o exército alemão não poderia ter mais de 100.000 homens entre oficiais e soldados, e a marinha ficaria com 15.000. Não haveria força aérea, estava abolido o Estado-maior e armas novas como os tanques de guerra e aviões não eram permitidos.¹⁰ Finalmente, nesse cenário adverso, a quebra da bolsa de Nova York resultou na diminuição drástica dos empréstimos bancários, fonte principal de financiamento da reconstrução da República de Weimar¹¹.

⁸ STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002.

⁹ <Tratado de Versalhes, disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/imt/partviii.asp>. Acesso em 10 de novembro de 2013>

¹⁰ Ribeiro, J. J. **O que é Nazismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, p. 18 – 19.

¹¹ É o nome dado pelos historiadores para a República Federal e semi presidencialista democrática representativa criada em 1919 na Alemanha para substituir a forma imperial de governo.

Num cenário de debilidade econômica, desemprego e caos social e político estava aberto o caminho para a ascensão do partido Nazista, formado na sua maioria por descontentes com a realidade em que se encontrava o seu país. Eram eles: “Lojistas, arruinados pela crise, que anteviam a possibilidade de assaltar grandes lojas de judeus e antigos soldados do exército, que organizaram agressivos grupos paramilitares de repressão aos comunistas”.¹²

Alimentando o ódio dos indivíduos o Nacional Socialismo se afirmou. Adolf Hitler e seus seguidores aproveitaram a fragilidade das pessoas que passavam dificuldades naquela época, inflamando as multidões com o gosto de vingança e o desejo de melhorias em suas vidas. O desejo de uma Alemanha forte e unida a superar as humilhações e que superasse a crise econômica tornou-se uma constante e reforçou o nacionalismo das massas.

As eleições de setembro de 1930 mostraram que o eleitorado inclinava-se para o voto radical: os nazistas subiam de doze para 107 cadeiras; os comunistas, de 54 para 77 cadeiras. Os socialdemocratas e a direita nacional começaram a perder votos. A propaganda eleitoral nazista insistia no nacionalismo revanchista, mas não se descuidava de oferecer trabalho aos desempregados, financiamento aos agricultores, isenções fiscais aos industriais. As intenções moralistas de proteção à família, respeito à religião e defesa da propriedade privada também se achavam presentes.¹³

O sistema político, em tese, permaneceu o mesmo, no início do governo nazista em 1933. O Presidente Paul von Hindenburg era o líder do executivo e Hitler o Chanceler. No ano seguinte, com a morte de Hindenburg, Adolf Hitler tornou-se o líder total da Alemanha, estabelecendo o terceiro Reich ou terceiro império no qual os poderes executivos, legislativos e judiciários permaneceram todos nas mãos ou sobre o controle do Nacional Socialismo Alemão, agora o único partido.¹⁴

Em fevereiro de 1933 um mês após Hitler ser nomeado Chanceler a Assembleia Nacional (Reichstag) foi incendiada e toda a culpa recaiu sobre os comunistas. A ascensão

¹² LENHARO, Alcir. **Nazismo “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 2003, pp. 19-20.

¹³ *Ibid.* p. 25.

¹⁴ Leis de 31 de março e 7 de abril de 1933 e de 30 de janeiro de 1934, constam nos documentos de Nuremberg **Conspiração e Agressão dos Nazistas**, IV, pp. 640-3.

de Adolf Hitler deu início a uma atmosfera de medo e perseguições aos seus opositores. Nesse momento ocorrem destituições de pessoas de cargos da administração pública, os chamados expurgos do serviço público. Desta maneira, os líderes nazistas colocaram nos postos vagos, outros ocupantes que apoiavam o regime, tornando-os assim oportunistas ao assumir lugares que dantes eram de outros que não aceitariam a nova ordem instituída. Inicia-se, portanto os processos de higienização Alemã, onde tudo considerado de ruim ou empecilho para a socialdemocracia terá que ser extirpado, ou seja, não mais se admitiria, na ditadura nazista, a oposição.¹⁵

Com a centralização do poder em mãos do partido nazista iniciou-se um sistema econômico de guerra em tempos de paz. Essa forma de governar era pautada na criação de empregos, no rearmamento secreto da Alemanha, massivo investimento na infraestrutura do país, sendo os focos principais as estradas e as moradias¹⁶.

Em primeiro plano foi colocada a criação de empregos, política financiada pelo Reichsbank. Um fator primordial para a execução e consolidação dessas propostas foi a aliança entre o partido nazista e os grandes grupos empresariais; o estado interveria no mercado apenas para evitar crises de liquidez e manter o nível de crédito na economia.¹⁷

Houve controle dos salários, congelados em 1934 e assim permaneceram até 1945, as centrais sindicais foram abolidas, greves foram proibidas, todos os trabalhadores tiveram que se filiar a Frente de Trabalho Alemã, que era vinculada a Câmara Econômica do Reich.¹⁸ Os grupos produtivos da economia como indústria e bancos foram separados e aglomerados em organizações corporativas de atividades similares, supervisionadas pela Câmara Econômica do Reich.¹⁹

Nesse contexto, foram criados os planos quadrienais, o primeiro se estendeu de 1933 a 1936, marcado pela criação de novos empregos, o segundo foi de 1937 a 1940, com maior centralização do controle econômico, esteve mais voltado para o cenário militar. No início o foco das políticas econômicas dos gestores nazistas foram as teorias keynesianas, era um

¹⁵ STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler**: Origens, Interpretações, Legados. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002. p. 151.

¹⁶ Feijó, Ricardo Luís Chaves; **Uma interpretação do Primeiro Milagre Econômico Alemão (1933 – 1944)**; Revista de Economia Política, volume 29, número 2(114), pp. 245-266, abril – junho / 2009.

¹⁷ Ibid. p. 245

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

estilo intervencionista. Porém, ao longo dos anos essa doutrina foi se constituído em uma centralização que se pode comparar as economias comunistas.²⁰

Além das unidades administrativas, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemão deu ênfase às organizações paramilitares, braço forte das conquistas e ordem dentro e fora do governo. Entre as unidades paramilitares destacaram-se a SS (*Schutzstaffel*) – grupo de proteção de Hitler que posteriormente teve uma ala armada os *Waffen SS* (absorveram as administração das policcias e da gestapo e dos campos de concentração durante a Segunda Guerra)²¹ – e a SA (*Sturmabteilung*) ou tropa de assalto – que foi imobilizada, ou seja quase destruída, por ter conquistado muito prestígio e poder. Foi desmantelada na noite das facas longas, que foi o episódio onde Hitler mandou matar todos os principais líderes e relocar vários membros no exército ou em outras organizações estatais.²²

Outro grupo de destaque foi a juventude hitlerista, corpo de formação da ideologia nazista nos garotos alemães, essa unidade ligada ao ministério da educação era o mecanismo formador da mente jovem do povo alemão, criando novos soldados para a máquina de guerra germânica²³.

²⁰ Feijó, Ricardo Luís Chaves; **Uma interpretação do Primeiro Milagre Econômico Alemão (1933 – 1944)**; Revista de Economia Política, volume 29, número 2(114), pp. 245, abril – junho / 2009.

²¹ Lumsden, Robin. **A Collector's Guide To: The Waffen-SS**, Ian Allan Publishing, Inc. p.7 (tradução livre).

²² Evans, Richard j.; tradução Brito, Lucia; **O Terceiro Reich No Poder**, 1.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Pp.39.

²³ **New Pope Defied Nazis As Teen During WWII.** *The New York Times*. Retrieved: 1 February 2010. (tradução livre).

1.2 - A Guerra relâmpago: definição, padrões estratégicos e tecnológicos.

Conforme já informado, em virtude do Tratado de Versalhes a Alemanha ficou impossibilitada de ter um exercito eficiente em decorrência de limitações quanto ao efetivo de serviço e às severas restrições relacionadas à posse e ao uso de armas modernas. Neste contexto o exercito alemão ficou reduzido a vinte e um regimentos de infantaria, dezoito de cavalaria e sete de artilharia (artilharia reduzida em seu alcance), com algumas pequenas unidades auxiliares, ao passo que o tempo de serviço ficou reduzido a doze anos e as forças armadas permaneciam proibidas de terem submarinos, aviões militares e tanques de guerra.²⁴

Neste cenário inóspito, as forças armadas alemãs dedicaram-se a elaboração de novas estratégias e táticas de combate. Voltaram-se ao estudo de novas formas de fazer guerra. Tanto por estarem em uma situação precária, se comparadas com as grandes potencias europeias, quanto porque aquela época pedia formas de combate mais eficientes do que as utilizadas na Primeira Guerra, em que se necessitava de grandes mobilizações humanas para a conquista de alguns metros de terreno. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos aviões e tanques demandou a atualização da forma de fazer guerra.

As origens do termo blitzkrieg são obscuras, ele nunca foi usado no título de uma doutrina militar ou em um manual do exército ou força aérea alemã e, raramente, aparece na imprensa militar alemã antes de 1939. Uma pesquisa recente realizada no Instituto Histórico militar alemão em Freiburg encontrou apenas dois artigos militares, antes do início do conflito, em que está empregado. Em nenhum deles há a defesa de uma nova doutrina militar ou de uma abordagem teórica para a guerra, ambos usam o termo para simplesmente designar uma estratégia rápida.

O primeiro, publicado em 1935, reporta-se, principalmente, aos alimentos (e, em menor medida, a matéria-prima) enquanto material de guerra. O termo blitzkrieg é ali empregado como referência aos esforços da Alemanha para conquistar uma vitória rápida na Primeira Guerra Mundial e não está associado com a utilização de forças blindadas ou mecanizadas ou com o poder aéreo. O argumento é que a Alemanha deve desenvolver a autossuficiência no abastecimento de alimentos, pois pode ser impossível obter uma vitória rápida sobre seus inimigos e uma guerra total tornar-se-ia inevitável.

²⁴ Guderian, Heinz; tradução De Paula, Luiz Carlos Carneiro; **Achtung, Panzer! O desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914 – 1937)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2009. pp. 162.

O segundo artigo, publicado em 1938, afirma que a obtenção estratégica de uma vitória rápida é atrativa para a Alemanha, mas realça que tal condição vai ser difícil de ser obtida mediante somente ataques terrestres, em condições modernas – especialmente tendo em vista a existência de sistemas de fortificação como a Linha Maginot²⁵ –, salvo se, excepcionalmente, um alto grau de surpresa for alcançado. Sugere-se que um potente ataque aéreo estratégico melhoraria as perspectivas de uma vitória rápida, contudo tal perspectiva não é detalhada.²⁶

Alguns estudiosos consideram que a blitzkrieg não se constitui numa doutrina oficial ou conceito da Wehrmacht²⁷, entendendo a sua adoção oficial como um mito. Determinados oficiais superiores da Wehrmacht, incluindo Kurt Student (comandante das tropas aerotransportadas) e Franz Halder (general chefe do estado maior, até 1942) contestaram a ideia de que a blitzkrieg era um conceito militar organizado da Wehrmacht e disseram que o que muitos consideram como blitzkrieg, nada mais era do que a solução para determinadas situações. Ideias que "naturalmente surgiram a partir das circunstâncias existentes" (Student), em resposta aos desafios operacionais.

O historiador alemão Frieser rechaçou-a enquanto doutrina ou conceito militar e resumiu a blitzkrieg como o resultado das ações dos comandantes alemães, misturando a mais recente tecnologia com a forma mais benéfica dos princípios tradicionais e militares, usando as unidades certas no lugar adequado na hora apropriada, no nível operacional da guerra. De modo idêntico outros historiadores a entendem como o resultado do rejuvenescimento dos tradicionais métodos e princípios militares alemães, adaptados ao sabor dos mais recentes sistemas de armas do período entre guerras²⁸.

Querelas interpretativas a parte, na prática a blitzkrieg reporta-se a um novo método de guerra pelo qual uma força de ataque, liderada por uma densa concentração de blindados e infantaria motorizada com um adequado apoio aéreo, força um avanço na linha inimiga de defesa através de uma série de ataques poderosos e velozes, e uma vez no território do opositor serve-se do fator surpresa e da mobilidade rápida para avançar no território e, em seguida, cercar e atacar pela retaguarda os flancos do inimigo. A sua lógica

²⁵ Linha fortificada, que ficava localizado na fronteira entre Alemanha e França, essa linha leva esse nome meu seu idealizador, que a pensou para proteger a França de um eventual ataque alemão.

²⁶ Harris, J. P. (November 1995). "**The Myth of Blitzkrieg**". War in History: p.337. (Tradução livre).

²⁷ Esse termo se refere ao às Forças armadas, o conjunto das forças aéreas, marítimas e terrestres do exército alemão.

²⁸ Mercatante, Steven, **Why Germany Nearly Won: A New History of the Second World War in Europe**, January 2012, p. 4-5 e Frieser, Karl-Heinz; Greenwood, John T. (2005). *The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West*. Annapolis: Naval Institute Press p. 34 e pp 329-330. (Tradução livre).

é o emprego de armas combinadas em guerra de manobra de forma a desequilibrar o inimigo, tornando mais difícil para eles, responder de forma eficaz, pois a frente de batalha muda continuamente.²⁹

Na prática tal ação revelou-se tática e operacionalmente, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, em que os alemães empregaram meios estratégicos que resultaram em uma série de batalhas rápidas e decisivas com a finalidade de desfigurar golpes rápidos aos estados inimigos, antes que eles pudessem se mobilizar plenamente. Taticamente, a blitzkrieg envolvia um esforço militar coordenado entre infantaria, artilharia e apoio aéreo, consolidando uma superioridade bélica esmagadora em locais específicos, para subjugar o inimigo e romper suas linhas.³⁰

Na busca por novas maneiras de se fazer a guerra entendeu-se que as táticas militares e as tecnologias deveriam estar unificadas, potencializando os seus usos. Num cenário de difícil desenvolvimento militar após Primeira Guerra Mundial (após a acessão de Adolf Hitler), a principal arma terrestre dos alemães eram os tanques de guerra. Assim sendo, o primeiro passo dado foi a progressiva melhoria de tais veículos de combate em sua funcionalidade e aerodinâmica: melhorias nas suspensões permitiram um maior conforto para as guarnições, a plataforma de tiro foi estabilizada, os motores tornaram-se mais potentes, a proteção blindada mais eficaz, em razão da espessura, composição e qualidade do aço e a visibilidade melhorou consideravelmente. Finalmente, aperfeiçoaram os seus sistemas de comunicação interna (feita através de luzes) e externa (mediante radiotransmissores e receptores) favorecendo missões de profundidade.³¹

Compunham as forças motorizadas, unidades de comunicação, artilharia pesada, infantaria e metralhadoras, além do sistema logístico. Desde algum tempo, levava-se em conta, a necessidade de um ataque com os tanques, em separado, das forças de infantaria pesada, no intuito de alcançar rapidamente as reservas do inimigo, embora fosse necessário, também, manter as conquistas territoriais do rápido avanço. Tal necessidade

²⁹ Fanning, William Jr. "The Origin of the term "Blitzkrieg": Another view". Journal of Military History 61, 1997:p. 283–302. E Glantz, David M.; House, Jonathan M. **The Battle of Kursk**. Modern war studies. Lawrence, Kan: University Press of Kansas, 1999. p. 22 e Frieser, Karl-Heinz; Greenwood, John T. (2005). **The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West**. Annapolis: Naval Institute Press p.6

³⁰ Keegan, John. **The Second World War**. New York: Penguin Books, 1989. p. 109, Harris, J. P. "The Myth of Blitzkrieg". War in History. 1995. p.334-336.

³¹ Guderian, Heinz; tradução De Paula, Luiz Carlos Carneiro; **Achtung, Panzer! O desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914 – 1937)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2009. pp. 112.

favoreceu a necessária aliança entre força de tanques e infantaria, não no sentido da unificação, mas do mútuo apoio.³²

Em 1928, a brigada recebeu a designação de FORÇA BLINDADA. Esse conjunto representou a primeira experiência com formação tática completamente moderna, baseada somente em veículos movimentados por motores de combustão interna e que não tinha um único cavalo. Pretendia se assegurar a cooperação das armas convencionais com as forças blindadas³³. Palavras descritas acima por *Guderian, Heinz*³⁴ em seu livro *Achtung, Panzer!*

Diante destes pressupostos e condições táticas e estratégicas, os oficiais alemães entenderam que os veículos blindados deveriam em sua maioria ser destinados ao combate, com a finalidade de opor-se, especialmente, às armas antitanques, aos veículos blindados inimigos e as suas forças convencionais. Concebeu-se que tais tanques deveriam ser munidos de proteção de curta (armas leves) e média (antitanques) distâncias, além de permitir o uso de suas armas em todas as direções, ter boa visão, ser de fácil transporte, ter a capacidade de transpor obstáculo, além de velocidade suficiente para aquilo que se destinava.³⁵

Em apoio aos blindados leves, seguiam a força de reconhecimento – composta por veículos com tração nas quatro rodas com grande mobilidade e boa velocidade em qualquer terreno, mais velozes do que os carros de combate – e os carros de apoio, como lançadores de ponte, caça minas, carros de comando e anfíbios.³⁶

É importante destacar que tais adequações não ficaram restritas a Alemanha. Em 1933, por exemplo, as forças miliares franceses já possuíam uma divisão mecanizada ligeira composta por aproximadamente 13.000 homens, 3.500 veículos motorizados, incluindo 1.000 motos e 250 blindados, dos quais, 90 eram de combate, sendo o restante

³² Ibid. pp. 58 e 205.

³³ Ibid p. 172.

³⁴ Guderian foi um militar alemão que quase sempre esteve envolvido em atividades de deslocamento rápido, assim teve a iniciativa de realizar estudos aprofundados sobre os tanques de guerra, no período entre guerras, realizou teorias e escreveu o livro *Achtung Panzer* para difundir seus pensamentos. Durante a guerra foi um general de divisão panzer com grande prestígio entre os alemães e as forças aliadas, principalmente por suas vitórias e manobras arrojadas no campo de batalha, lutou na Polônia, França e Rússia. Foi chefe inspetor geral das tropas blindadas, chefe do estado maior e alcançou o posto de Coronel General. Morreu em 1956, não foi acusado de crimes de guerra.

³⁵ Guderian, Heinz. Op. Cit. pp. 165-166.

³⁶ Ibid.

destinando ao reconhecimento tático e operacional. Sua organização era da seguinte maneira: comando divisionário, com elementos auxiliares e destacamento aéreo; regimento blindado para reconhecimento, brigada de carros de combate; brigada de ‘dragões’ motorizadas; regimento de artilharia com dois destacamentos leve e um pesado; unidades de engenharia, comunicações e pessoal de serviço de retaguarda.³⁷

Portanto,

Na medida em que os carros de combate se tornaram consideravelmente mais rápidos que a infantaria, o conceito limitado de emprega-los como apoio foi sendo gradualmente substituído pela noção de grandes formações mecanizadas. Elas não cabiam na visão estreita de seu emprego apenas em batalha de blindados a fim de obterem a ruptura. Incluíam também os elementos de reconhecimento e a capacidade de conduzir através campo o mínimo de infantaria e artilharia imediatamente atrás dos carros de combate com o intuito de manterem o terreno conquistado pelos blindados. A característica recém-adquirida pelos carros, sua velocidade pode ser explorada desde o primeiro contato. Agora é possível pensar em empregar as grandes formações mecanizadas (de forma independente).³⁸

Os estudos para aprimoramento das táticas de utilização de blindados incluíram os seus pontos fracos, e nesse caso estava a questão da topografia. O terreno oferece, não raras vezes, obstáculos que favorecem as forças de defesa, tais como: barrancos íngremes, cursos de água largos e profundos, valões e áreas com vegetação alta e densa, que podem representar barreiras intransponíveis para os carros de combate.³⁹

Somam-se aos obstáculos naturais, operações da engenharia de guerra com o fito de dificultar a vida dos blindados, tais como: tornar os barrancos mais íngremes, inundar áreas transformando-as em atoleiros, bloquear vias com troncos de árvores, alargar, aprofundar valas em torno de bosques e finalmente, criar obstáculos artificiais em terreno abertos, tais como fixação de estacas de madeiras, ou de trilhos, muros de concreto, “ouriços” de trilhos ou de madeira, redes e concertinas de arame farpado e minas antitanques.⁴⁰

³⁷ Ibid. p.178.

³⁸ Ibid. p.184.

³⁹ Ibid. pp. 189.

⁴⁰ Ibid .p. 190.

Aos obstáculos naturais e do artifício humano somavam-se as armas anti-carro, portáteis que tem como finalidade deter o avanço dos blindados antes que eles alcançassem a primeira linha de defesa da infantaria. Por exemplo, ataques a 12 km por hora, levam 05 minutos para cobrir 1000 metros, portanto, um canhão anti-carro eficaz a 600 metros, com 08 tiros por minuto, conseguirá disparar 24 vezes, antes que o blindado esteja na primeira linha de defesa. Tal rendimento sobe para 40 tiros para uma arma com alcance de 1000 metros, porém para uma arma automática seriam 100 tiros a 600 metros e 300 tiros a 1.000 metros. Ou seja, o rendimento para a defesa com uma arma automática era 12 vezes mais eficaz.

Portanto, percebe-se que se havia a preocupação em formatar um ataque rápido e certeiro por um lado, e de outro, crescia entre os alemães, a preocupação com a sua própria defesa antitanque, pois estavam cientes da necessidade de contrariar os contra ataques de seus inimigos nas futuras guerras de movimentos, haja vista que os avanços rápidos abririam grandes brechas para contra ataques, e era necessária uma resposta eficaz.⁴¹

Conclui o estrategista alemão:

Devemos fazer de tudo o que pudermos para melhorar nossa defesa anti-carro e também nos empenharmos para garantir o sucesso nos ataques realizados por esse poderoso instrumento que são nossas próprias forças blindadas. Logicamente do ponto de vista defensivo, precisamos de canhões e munições capazes de enfrentar os mais formidáveis carros de combate existentes.⁴²

A defesa anti-carro, embora de caráter defensivo, mostrou-se essencial para manter as conquistas, ou seja, evitavam os contra ataques, por isso os canhões precisavam estar suficientemente avançados a fim de consolidar as conquistas.⁴³ Contudo, o emprego eficaz das armas antitanque dependia do terreno, ou seja, do tipo de inclinação, das condições meteorológicas, da hora do dia, da posição do sol e da força da artilharia inimiga, por tudo isso, para aprimorar a ação dos atiradores das armas antitanques era cuidadosamente

⁴¹ Ibid. pp. 190 – 191.

⁴² Ibid. 192.

⁴³ Ibid. p.. 204.

planejado e executado em circunstâncias que coincidissem o mais próximo possível com situações reais.⁴⁴

Para a formação de uma divisão de combate eficiente era necessário tropas treinadas e qualificadas para executarem suas funções. As forças de reconhecimento deveriam ser dotadas de um expressivo poder de combate e meios de comunicação sem fio, de longo alcance, boa velocidade e mobilidade e armas com munição perforante. Constituíam-se nos “olhos da divisão” e deveriam repassar as informações o mais rápido possível para a força principal para que os preparativos dessa fossem realizados de acordo com estas informações. Agiam na ofensiva, minando a vantagem do inimigo e deveriam ter poder de ataque suficiente para destruir as forças avançadas do inimigo, incluindo as forças de reconhecimento adversárias, retirando do oponente a possibilidade de reconhecimento do atacante.⁴⁵

A lógica da guerra sempre foi vencer o inimigo, e o mais rápido possível. Aos carros de combate é que cabia determinar a velocidade do avanço e não à artilharia ou a infantaria, pois seria inconcebível paralisar os tanques para que a artilharia ou infantaria os alcançasse. O poder da “ponta da lança” está na sua capacidade de romper as linhas inimigas e se aprofundar nas linhas defensivas, para tanto, além de velocidade, deve contar com uma boa blindagem, armas de grosso calibre, condições de luta contra tanques leves, com o objetivo de romper as linhas defensivas, destruir os centros de comando e das artilharias, a qual se segue, para a consolidação dessas conquistas, uma força de blindados leves com metralhadoras, capazes de limpar o terreno conquistado.⁴⁶

Partia-se do pressuposto tático e estratégico de que as forças blindadas deveriam estar concentradas, condição tida como positiva tanto para a defensiva como para a ofensiva, pois a luta contra tanques é melhor na quantidade do que na dispersão, levando a grossas formações tanto na largura como em profundidade, para melhor explorar o inimigo, nos dizeres dos estrategistas:⁴⁷

A Alemanha tem atribuído grande importância ao princípio da unidade de comando e ao treinamento das tropas blindadas. Fazendo uso das lições do tempo de guerra, nós temos renunciado a qualquer ideia de

⁴⁴ Ibid. p. 204-205.

⁴⁵ Ibid. p. 202.

⁴⁶ Ibid. 208.

⁴⁷ Ibid. p. 209.

limitar os carros ao papel de escoltas da infantaria e, desde começo, temos estado determinados a criar uma ARMA que seja treinada para lutar em grandes formações e que está a altura de qualquer tarefa que lhe seja confiada ao longo do tempo. As divisões panzer foram criadas de acordo com essa filosofia e incluem unidades de carros de combate e tudo o mais que esses carros necessitam, em forma de unidades de apoio ao combate e apoio logístico – todas elas em quantidades adequadas e todas elas, nem precisa mencionar, totalmente motorizadas.⁴⁸

A infantaria tinha a tarefa de apoio, em velocidade, em logo atrás dos carros de assalto, com a função de explorar e completar com êxito da missão de conquista de terreno. Deveria estar munida com armas pesadas e metralhadoras e bem servida de munição e uniforme leve para boa mobilidade.

Já a força aérea cabia a missão de atacar as reservas do inimigo para evitar os contra ataques, investir contra os centros de comando, ferrovias, estradas, armas antitanques e blindados, além de bombardear as áreas de possível reunião de tropas e as baterias de artilharia, mesmo sendo difícil atingir alvos móveis, não se podia dispensar a cooperação da força aérea, neste quesito.⁴⁹

Ao conjunto de força de ataque, somavam-se, as forças especiais, entre as quais: os paraquedistas e as aerotransportadas, estes podiam deter avanços, desmobilizar reservas, destruir postos de comando, danificar linhas de logística, e desorganizar as comunicações e instalações do inimigo, a comunicação, era feita sem fios e com abreviações preestabelecidas e, finalmente, a logística, responsável por fornecer combustível, pneus, munições, rações, material de saúde, de manutenção, complemento de pessoal, enfim suprimentos⁵⁰.

Em síntese, os ataques deveriam dar-se com penetrações médias ou profundas com a utilização de carros de combate à frente, para o rompimento da defesa, acompanhados de carros leves e demais tipos de apoios motorizados e da força aérea para esmagar os aviões inimigos, retardar o movimentos das tropas da defesa. Num ataque orquestrado tendo-se em conta os seguintes princípios; supressa, emprego em massa, ação em terreno favorável, armamentos adequados e desenvolvimento satisfatório.⁵¹

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid. p. 243.

⁵⁰ Ibid. pp. 243-246.

⁵¹ Ibid. pp. 249 e 254.

A surpresa seria obtida com movimentos rápidos, com a adequada preparação e execução do ataque com novas armas (artefatos desconhecidos pelo inimigo) a qual deveria somar-se o emprego em massa dos panzer, utilizado onde se desejasse obter a ruptura (orquestrado, tendo-se em conta um treinamento adequado e experiências adquiridos em tempo de paz e com a blindagem necessária e de acordo com o emprego), em um terreno apropriado (previamente dimensionado, explorado e mapeado em relação aos obstáculos naturais e artificiais ali existentes) em que fosse possível aproveitar de forma satisfatória a capacidade plena dos carros.⁵²

Entendia-se que para romper as linhas defensivas era necessária uma variada gama de carros de combate. Quando o ataque começasse toda a zona do inimigo deveria ficar sob constante vigilância aérea, para que as reservas do oponente pudessem ser atacadas a qualquer momento pela aviação, a quem cabia, também, retardar o deslocamento das forças de reserva para o local da ruptura, conferindo aos blindados mais tempo para destruir as áreas de reunião das reservas, centros de comando, controle e as posições de artilharia, além da defesa móvel antitanque e, finalmente, as posições da infantaria na zona de combate e as reservas blindadas. Desta forma, as demais forças ofensivas podiam reservar o seu poder de fogo para atacar as tropas inimigas que eventualmente resistissem a esta primeira onda de ataques, contudo, era essencial que o primeiro movimento fosse capaz de destruir as reservas blindadas, pois se não o fizessem a vitória poderia não ser duradora e os flancos ficarem expostos a um contra-ataque, o que do ponto de vista tático era uma situação mais arriscada que a anterior (momento antes da batalha).⁵³

É, portanto, de grande importância o esforço para submeter toda a posição inimiga a um ataque em profundidade simultâneo. Essa ambiciosa tarefa pode ser conseguida somente por grande força de blindados desdobrada em profundidade suficiente e com unidades e comandantes de blindados que aprenderam a combater em grandes formações, e, quando o inimigo oferece inesperada resistência, ela esmague-a rápida e resolutamente. Além da profundidade, o ataque para romper a posição inimiga também necessita de ampla frente, suficiente para tornar difícil ao inimigo executar o fogo de flanco sobre o ataque principal. Se o ataque dos carros é tão estreito que a zona de assalto fica

⁵² Ibid. p. 254.

⁵³ Ibid. p. 221.

de fato batida pelo fogo das metralhadoras, as outras armas não poderão acompanhar os carros de combate, e o sucesso obtido pode não durar.⁵⁴

Do ponto de vista tático considerava-se desejável a velocidade de 16 km por hora para o ataque e que as comunicações, das aeronaves e/ou dos demais veículos, fossem feitas através de sinais, se possível com o silêncio de rádios. Para tanto, era essencial o reconhecimento do local, previamente feito por tropas adequadas.⁵⁵

Era necessário que antes do ataque as zonas de reunião estivessem bem sinalizadas e que os tanques deveriam deslocar-se ao anoitecer, de luzes apagadas, em vias de acesso sinalizado. Em sequência, deveria ser feita a troca das guarnições, distribuição da ração para a tropa e o contato com as outras armas, tudo isso deveria ser fora do alcance da artilharia do inimigo, com a finalidade de preservar o elemento surpresa. Antes do ataque era necessário o uso de cortinas de fumaça, fogo de artilharia e atividade aérea para manter o inimigo ocupado até o momento do seu desfecho, evitando que ele visualizasse as tropas e o efeito surpresa fosse comprometido.⁵⁶

O desenrolar do primeiro contato normalmente determina o desenrolar do ataque de blindados. Os escalões de ataque, o escalão de assalto em particular devem demonstrar capacidade de atacar com pleno poder de fogo; os escalões sucessivos devem dar apoio imediato e fechar constantemente as brechas no dispositivo. É mais fácil para as armas anti-carro alvejar carros isolados quando os atacantes tentam penetrar dispersos na zona de combate inimiga; quando a ruptura é feita em uma frente ampla e é acompanhada pelo fogo pesado dos carros de combate, o dispositivo defensivo é muito mais facilmente ultrapassado, rompido e envolvido pelos flancos e pela retaguarda⁵⁷.

As formações de combate deveriam ser simples, pois assim era mais fácil a sua coordenação e se manterem durante o combate. A menor unidade de combate dos blindados era de um pelotão formado por três ou cinco carros, normalmente não subdividido e devia observar no seu avanço a proteção do flanco e de sua retaguarda. O seu

⁵⁴ Ibid. pp. 221-222

⁵⁵ Ibid. p. 222.

⁵⁶ Ibid. p. 224.

⁵⁷ Ibid. p. 224.

deslocamento era feito com um intervalo de aproximadamente 50 metros, o comandante do pelotão permanecia no meio ou na testa da unidade, deveria manter a formação e a velocidade de progressão, além da sua posição na formação da companhia, em cumprimento a missões bem definidas.⁵⁸

As linhas de combate na retaguarda deviam ter facilidade de mobilidade e deslocamento rápido, caso as linhas das formações avançadas, na dianteira do ataque, necessitassem. Deviam ter a capacidade de mudar suas direções, caso seja necessário, e não deviam permanecer unidas em demasia para evitar ser um alvo fácil para a artilharia e aviação inimiga.⁵⁹

Os avanços deviam ser coordenados em termos de velocidade, de acordo com as necessidades e com o terreno, em todo o tempo. As tropas bem identificadas para que os tanques não atirassem na sua própria infantaria que estava à frente, confundido seus soldados com o inimigo. Todo esse aparato buscava uma vitória decisiva, rápida e em larga escala.⁶⁰

Os escalões de ataque tinham objetivos bem definidos, em geral, a linha de assalto tinha o dever de avançar sobre as reservas inimigas, destruir os carros de combate e eliminar as armas contra tanques que encontrasse pela frente, juntamente os centros de comando, evitando engajar-se em combate. O segundo escalão tinha missão de aniquilar a artilharia e as defesas anti-carro ativas. O terceiro escalão deveria apoiar a artilharia na aniquilação do que restar da artilharia inimiga, e o quarto escalão, se for possível montá-lo, permanecerá na reserva, sendo utilizado, se necessário, para varrer os setores que ficaram intactos na posição.⁶¹

Iniciado o ataque, era fundamental que o fogo da artilharia bombardeasse os alvos mais difíceis para os blindados, tais como: vilas e terreno de difícil acesso, por exemplo, taludes íngremes e áreas pantanosas. Devia estar dividida entre artilharia fixa e blindada móvel, destinada a atingir uma grande variedade de alvos em um curto espaço de tempo.⁶²

À engenharia cabia aumentar a mobilidade das forças, sendo a sua missão balizar as rotas para guiar os movimentos a noite, preparar passagem em curso d' água, áreas alagadas ou de terreno frouxo. Reforçar pontes onde as existentes não suportassem a passagem dos blindados, limpar zonas de minas, com a finalidade de facilitar o

⁵⁸ Ibid. p. 224 – 225.

⁵⁹ Ibid. p. 226.

⁶⁰ Ibid. pp. 233-235.

⁶¹ Ibid. pp. 235- 236.

⁶² Ibid. pp. 237-239.

deslocamento mais rápido das forças de ataque.⁶³ Finalmente, a infantaria deveria apoiar as forças blindadas, varrendo as áreas conquistadas e estabilizando as zonas conquistadas e a aviação atacar o movimento das reversas inimigas.⁶⁴

Encerrando, cabe lembrar que a partir de 1933, cada tanque na força blindada alemã foi equipado com o rádio transmissor, o que permitiu que os comandantes alemães explorassem intensamente esta vantagem organizacional sobre os inimigos, tal condição permitiu incorporar aos ciclos de tomadas de decisão rapidez, inovação e eficiência, tornando o comando rápido e flexível.⁶⁵

⁶³ Ibid., p. 240.

⁶⁴ Ibid. pp. 240-41.

⁶⁵ Ibid. p.20.

1.3 - Da reorganização militar à consolidação do poderio bélico

Sabe-se que o tratado de Versalhes limitava as forças armadas da Alemanha, na prática, o exército ou Reichsheer não poderia ultrapassar 100 mil homens e estes não poderiam contar com artilharia e forças blindadas, aviação de guerra e submarinos. Já a marinha ou Reichsmarine podia possuir apenas navios de baixa tonelagem e um efetivo de 15 mil homens⁶⁶.

Em 1935, desobedecendo ao Tratado de Versalhes, Hitler reestruturou as forças armadas da Alemanha. Estabeleceu o OKW (Oberkommando der Wehrmacht), ou seja, um alto comando das forças armadas da Alemanha (estado maior), comparável ao ministério da defesa, cujo chefe nomeado foi o Marechal de campo Wilhelm Keitel.⁶⁷

Ligado alto comando das forças armadas estava o exército, a força terrestre que representou no seu auge 85% das forças armadas, o qual possuía 21 postos e graduações, tendo como referencia maior a de marechal de campo⁶⁸. A esta força se somava os Waffen SS, apesar dela normalmente se organizar junto com o exército, tratava-se de um corpo militar separado que respondia diretamente ao Fuhrer, era a tropa de confiança dos nazistas, sendo o seu líder Heinrich Luitpold Himmler.⁶⁹

Juntamente com as forças terrestre haviam as forças civis de apoio, a polícia que atuava nas zonas ocupadas; o serviço de trabalho do Reich, similar ao corpo de engenheiros do exército; os TODT, uma segunda força de engenharia responsável pela construção de fortificações e estradas, e os reichbahn, o corpo da logística do exército.⁷⁰

Em 1939, a força aérea alemã possuía 400 mil homens, entre pilotos, paraquedistas e tropas de controle de baterias antiaéreas. Inicialmente seus contingentes foram treinados na URSS, burlando o tratado de Versalhes que proibia a Alemanha de ter uma força aérea militar. Seu principal comandante foi Hermann Göring, único a ter o posto de marechal do reich.⁷¹ Finalmente, a Kriegsmarine, corpo naval da Alemanha nazista, apesar de ser a força que recebeu menos recursos por parte de Hitler, detinha um excepcional conjunto de

⁶⁶ <Tratado de Versalhes, disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/imt/partviii.asp>. Acesso em 10 de novembro de 2013.> (Tradução livre).

⁶⁷<Disponível em: <http://www.feldgrau.com/> acesso em 20 de novembro de 2013. (Tradução livre).

⁶⁸ Ibid

⁶⁹ Ibid

⁷⁰ Ibid

⁷¹ Ibid

submarinos e de defesa antiaérea costeira, teve em média 50 mil homens, seu principal comandante foi Karl Dönitz que alcançou o posto de grande almirante.⁷²

Para ressurgir como potência militar, a Alemanha precisava aumentar a sua força econômica, ampliar a sua disponibilidade de matéria prima e desenvolver uma indústria forte. Para tanto, foi estipulado um plano de crescimento de quatro anos com o objetivo e alcançar a autossuficiência do país em relação às importações e de obter o crescimento econômico, militar e o desenvolvimento tecnológico.

Com metas rígidas o objetivo era adquirir o controle estatal das grandes empresas privadas, aquelas que resistiam a realizar contratos com o estado sofriam pressão para vender suas empresas ou sanções.

O regime pressionou o conglomerado gigante da química I.G. Farben a desenvolver e produzir combustível sintético para veículos e aviões por meio da hidrogenação de carvão, de modo a reduzir a dependência da Alemanha das importações de petróleo; em 14 de dezembro de 1933, foi assinado um acordo pelo qual o conglomerado comprometeu-se a produzir umas 300 mil toneladas por ano em troca de uma garantia de compra do Estado por dez anos. [...] Quando uma companhia recusava-se a seguir exigências desse tipo, o regime entrava em cena para força-la a obedecer, como no caso do fabricante de aviões Hugo Junkers, que foi forçado a vender para o Reich a participação majoritária em duas empresas no final de 1933 após tentar resistir as intimidações do governo para converter o objetivo das companhias de civil para militar⁷³.

Neste cenário, em 1934 o novo ministro da economia Schacht assumiu o compromisso do rearmamento do país, diferente do seu antecessor que não tinha tal propósito como prioridade. Nos quatro primeiros meses sob o seu comando ele estabeleceu uma nova estrutura em que:

⁷² <Disponível em: <http://www.feldgrau.com/> acesso em 20 de novembro de 2013. (Tradução livre).

⁷³ Evans, Richard j.; tradução Brito, Lucia; **O Terceiro Reich No Poder**, 1.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 201. p.404.

[...]todas as firmas foram arroladas de modo compulsório em um ou outro dos sete Grupos do Reich (indústria, comércio, bancos, etc.), mais adiante subdivididos em grupos especializados e regionais⁷⁴.

Quando o rearmamento começou a gerar o desabastecimento interno de combustível, alimentos e outros itens, a resposta de Hitler não foi frear o rearmamento, mas, sim aumentar a sua velocidade para conquistar o espaço tido como vital para o crescimento da Alemanha, sedimentando os propósitos de expansão para o leste, ou seja o objetivo de conquistar grandes territórios para explorar seus potenciais econômicos,⁷⁵

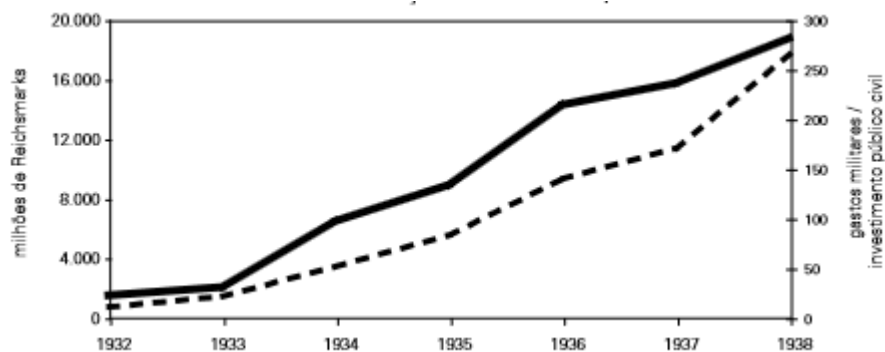
Essa aceleração foi nítida, com os sucessivos aumentos dos investimentos nas forças armadas, conforme se verifica na tabela e nos gráficos a seguir:

Grupo das forças Armadas	1933	1938
	Gastos em reichmarks*	Gastos em reichmarks*
Exército	478 milhões	9,137 bilhões
Força Aérea	192 milhões	1,632 bilhões
Marinha	76 milhões	6,026 bilhões

Evans, Richard j.; tradução Brito, Lucia; O Terceiro Reich No Poder, 1.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. Pp.414.

* Moeda da Alemanha Nazista

Gráfico 01: Alemanha de Hitler: gastos militares em milhões de Reichmarks em relação ao investimento público civil.



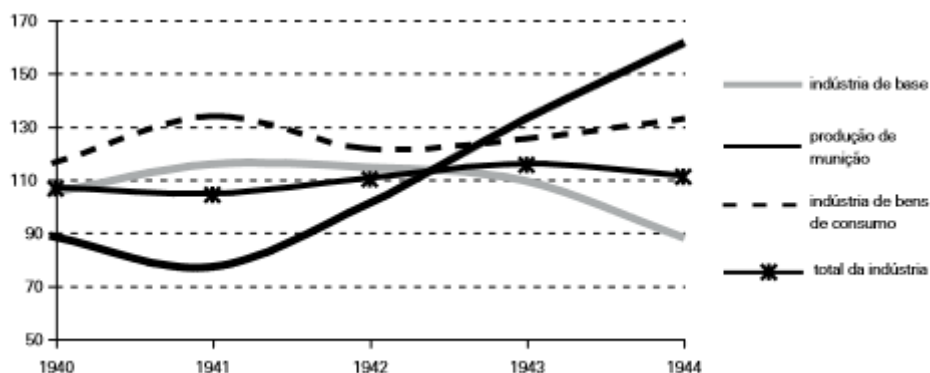
⁷⁴ Ibid. p.407.

⁷⁵ Ibid. p.414.

--- Gastos militares em milhões de Reichbanks
 — Gastos militares em relação ao investimento público

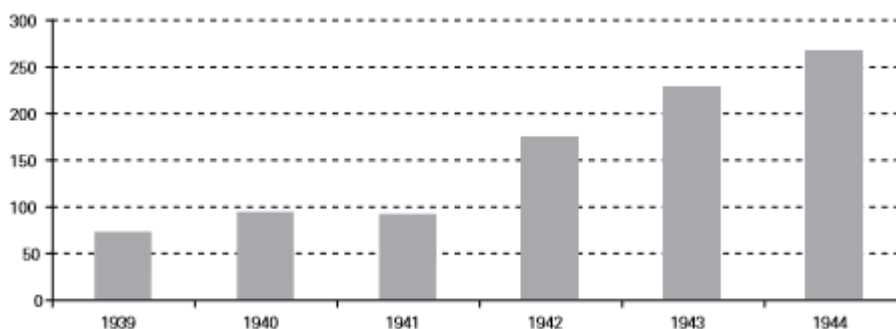
Fonte - Gastos militares totais: cálculo do autor. Valores médios consultando-se 15 fontes. Feijó (2009) p.259, Apud. Abelshauser (2000), pp. 134-135. Em relação ao investimento público: Petzina (1977). Apud. Abelhauser (2000), p. 138.

Gráfico 02: Produção por trabalhador na indústria alemã (% de 1939)



Fonte: Feijó (2009) 253. Apud: Eichholt (1985). Apud: Abelshauser (2000) p.155.

Gráfico 03: Produção de armamentos e munições na Alemanha, média mensal (jan.-fev. 1942 = 100)

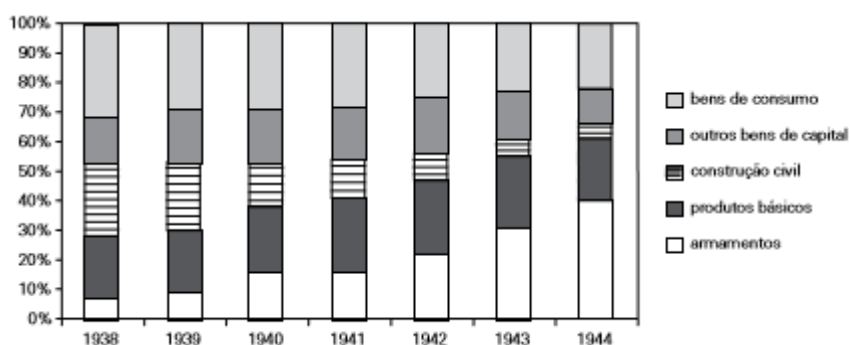


Fonte: Feijó, 2009, p. 261. Apud. Abelshauser, 2000, p. 152.

Nos dados demonstrados na tabela acima estão inclusos os gastos com a administração, os custos tinham subido de 1,5% da renda nacional em 1933 para 21% em 1938, enquanto a renda nacional subiu quase 100% no mesmo período. O déficit de 796

milhões, em 1933, saltou para 9,5 bilhões, em 1938.⁷⁶ A administração e os gastos com as forças armadas subiram de 1,5% para 21% do PIB o que representou um aumento de 14 vezes enquanto a renda apenas duplicou.

Gráfico 04. Produção líquida da indústria alemã por ramo industrial (% do total)



Fonte: Feijó (2009) 252. Apud: Petzina (1968). Apud: Abelshauser (2000) p.153

Em paralelo ao aumento dos gastos militares, a Alemanha nazista investiu pesadamente em novas tecnologias e desenvolveu outras que já tinham sido usadas na Primeira Guerra Mundial, tais como: o uso da metralhadora, tanques e submarinos que já se mostrara eficaz. Hitler enfatizou as forças terrestres, o exercito, dotando-o de transportes, armas leves e tanques no intuito de dar-lhe uma maior capacidade efetiva de ação e poderio, não deixou de construir uma importante força naval, principalmente na área dos submarinos, além de investir em fortificações costeiras e artilharia antiaérea.

Todo esse cenário gerou um fato no mínimo inusitado, quando o presidente do Reichbank (banco central alemão) avisou Hitler dos perigos dos gastos sem controle com os organismos estatais que levavam ao crescimento da inflação, a desvalorização da moeda e do risco da ruína das finanças do Estado, a sua resposta foi demitir todos os diretores e o próprio presidente do Reichbank, com a justificativa de que tal leitura não se ajustava a realidade do nacional – socialismo.⁷⁷

Apesar do comprometimento das finanças, Hitler continuou a sua política de reestruturação das forças armadas do país, investindo, inclusive, no aumento de sua frota

⁷⁶ Feijó, Ricardo Luís Chaves; **Uma interpretação do Primeiro Milagre Econômico Alemão (1933 – 1944)**; Revista de Economia Política, volume 29, numero 2(114), pp. 260, abril – junho / 2009.

⁷⁷ Evans, Richard j, Op. cit. pp.414-415.

naval, tradicionalmente tratadas como secundárias.⁷⁸ Elevou de quatro para seis o número de encouraçados⁷⁹ a serem construídos até 1944 e readaptou três dos quatro couraçados de bolso, tornando-os, em 1939, em cruzadores⁸⁰ pesados⁸¹, situação que ocasionou vultosos gastos, tanto para a construção, quanto para armar e tripular essas embarcações de guerra.

No tocante à força aérea, Hitler com o objetivo de dotar-se de uma aviação forte criou um ministério específico sob o comando de Goring que junto com seus auxiliares arquitetaram a obtenção de aeronaves para a Alemanha nazista, com grande foco nos bombardeiros de longo alcance.⁸²

Em 1934 foi programada a fabricação de dois mil caças, dois mil bombardeiros, setecentos caças de mergulho, mais de mil e quinhentas aeronaves de reconhecimento e outros milhares de simuladores de voo, demanda prevista para ser satisfeita até o final de 1938. No ano seguinte, a fabricação de aeronaves foi organizada dando-se espaço para as gigantes Junkers, Heinkel e Dornier. Contudo, a falta de matérias primas retardou a produção, sendo que inclusive em 1937 para 1938 houve queda na produção de 5,6 mil para 5,2 mil.⁸³

O projeto inicial era que 20 mil aeronaves estivessem prontas para o início da guerra, que estava previsto para final 1941 e/ou início de 1942, porém quando o conflito deflagrou-se, em 1939, a força aérea alemã já contava com quatro mil aviões de guerra, um número considerável.⁸⁴

Neste grande esforço de reaparelhamento bélico destacou-se a I. G. Farben, responsável pela produção de borracha sintética, fertilizantes químicos para a agricultura e fibras sintéticas para vestuário militar.⁸⁵ Em 1935 ela criou um escritório junto ao exército alemão no intuito de dotá-lo de óleo combustível, borracha, plástico e nitrogênio para explosivos. Contudo, o suprimento de materiais desta natureza representava por volta de

⁷⁸ Ibid. p.418.

⁷⁹ Navio de guerra da classe dos maiores e mais pesadamente blindados e armados. Em dicionário online <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=coura%E7ado>, acesso em 09 de junho de 2014.

⁸⁰ Navio de guerra de grande porte que desloca em cruzeiro, <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cruzador> acesso em 9 de junho de 2014.

⁸¹ Evans, Richard j. Op. Cit. p.418.

⁸² Ibid. p. 418.

⁸³ Ibid. pp. 418-419.

⁸⁴ Ibid. p. 419.

⁸⁵ Ibid. p. 426.

25% do total das encomendas do governo alemão, já que a grande demanda sempre foi no processamento de metal, ferro, aço e a mineração, e estes estavam em falta.⁸⁶

Em todo esse contexto de rearmamento, demonstra uma afronta ao Tratado de Versalhes, e por mais que não fosse uma política declarada do governo alemão, era de conhecimento das potencias europeias tais atos por parte dos nazistas, então o porquê da omissão.

A primeira demonstração de que Alemanha não ficaria subordinada ao Tratado de Versalhes foi a sua saída da liga das nações. A justificativa para tal ato foi a não colaboração da Inglaterra e França no cumprimento do acordo de desarmamento, seja na perspectiva de todos se colocarem em condições idênticas a da Alemanha ou na possibilidade de que o país pudesse se colocar em posição similar as inglesa e francesa, diante da recusa de tais condições a Alemanha deixou o Liga das Nações.⁸⁷

Liberado das garras do Tratado de Versalhes e do organismo multilateral, Hitler dedicou-se a firmar entendimentos bilaterais: acordo naval com a Inglaterra, que reconhecia a Alemanha o direito de desenvolver uma frota de até 35% da inglesa e de ter idêntico número de submarinos que aquele país, acordos secretos com a URSS⁸⁸ e posteriormente com a Itália⁸⁹ e Japão.⁹⁰

Outra manobra que deu força pra a continuidade do rearmamento alemão foi a militarização da Renânia⁹¹ em 07 de março de 1936. Desmilitarizada pelo Tratado de Versalhes Hitler ordenou que suas tropas marchassem para a região, o pretexto para explicar essa movimentação bélica foi a ratificação do pacto Franco-Soviético pela Câmara de Deputados francesa.

As unidades que marcharam para a Renânia foram reforçadas por unidades da policia para parecer mais numerosas, os franceses acreditaram que as forças alemãs

⁸⁶ Ibid. p.432.

⁸⁷ Evans, Richard J. Op. Cit. pp. 694 – 695.

⁸⁸ Acordo sobre a paz entre a URSS e a Alemanha por 5 anos, e a divisão da Polônia após a invasão da mesma. Esse acordo foi firmado pelos então ministros das relações exteriores dos dois países, Molov da URSS, e Ribbentrop da Alemanha.

⁸⁹ O Eixo surgiu no Pacto Anticomintern, um tratado anticomunista assinado pela Alemanha e Japão em 1936. A Itália aderiu ao pacto em 1937. O "Eixo Roma–Berlim" tornou-se uma aliança militar em 1939 com o Pacto de Aço e integrou seus objetivos militares em 1940, com o Pacto Tripartite.

⁹⁰ Evans, Richard J. Op. Cit. p.706.

⁹¹ Em resposta à ratificação do apoio franco-soviético, em 27 de fevereiro de 1936, Hitler reocupa a zona desmilitarizada da Renânia para restaurar a soberania do III Reich na fronteira ocidental da Alemanha, continuando a violar as disposições do Tratado de Versalhes.

deslocadas para a região era dez vezes maiores do que a realidade e para evitar um grande conflito não mandaram unidades para manter a zona de desmilitarização ativa.⁹²

Posteriormente, em 1936 as forças armadas alemãs tiveram a oportunidade de testar suas armas e novas técnicas como os bombardeios em massa, na Espanha que vivia uma guerra civil. Uma força de 11 mil soldados alemães denominada de Legião Condor foi deslocada para aquele país, juntamente com artilharia, blindados e força aérea, para lutar junto com as forças do General Franco.

Com todos esses acontecimentos a Alemanha demonstrava que estava no caminho para a guerra, em busca do espaço vital alemão que tanto sonhava o seu Fuhrer, porém a economia alemã não conseguiria manter uma guerra prologada, neste contexto surgiu as teorias de batalhas que futuramente seriam denominadas de guerra relâmpago, a Blitzkrieg⁹³.

⁹² Evans, Richard J. Op. Cit. pp.7 11 – 715.

⁹³ Ibid. p.425.

1.4 – Preparativos, treinamentos e a formação dos arsenais.

Proibida de ter um Estado-Maior⁹⁴ as forças armadas persistiram como tropa de escritório, mero órgão administrativo, ademais a Alemanha não tinha acesso a informações sobre o desenvolvimento de tanques de combate⁹⁵. Neste contexto, inicialmente, os treinamentos eram feitos com carros de lona empurrados pelas tropas, nas palavras do próprio general Guderian *eles eram ridículos*. Contudo, progressivamente, os alemães começaram a equipar seus simulacros com motores, porém esses exercícios eram feitos em terrenos bem favoráveis ao deslocamento desses protótipos. Pouco a pouco, a velocidade desses veículos fizeram com que os oficiais comesçassem a prestar atenção à importância no deslocamento dos carros de combate, o que implicava, no contraponto, uma maior atenção às armas anti-carro.⁹⁶

Um grupo restrito de oficiais alemães que acreditavam nos potenciais dos blindados buscou de maneira secreta e rudimentar (pois o Tratado de Versalhes proibia o exército alemão de possuir tanques, e por isso foi necessário usar os simulacros) desenvolver e aperfeiçoar técnicas para o desenvolvimento dos carros de combate.

Nesses anos foi formado a base da disciplina, camaradagem, solidariedade e proficiência técnica que só as forças blindadas e mecanizadas alemãs puderam ostentar quando finalmente, ficamos livre das restrições ao nosso armamento... recordamos com gratidão os homens que, naqueles anos de sofrimento levaram adiante os blindados e seu desenvolvimento e prepararam efetivamente sua atual expansão⁹⁷

Num contexto de escassez de recursos a Alemanha teve dificuldade ate mesmo para montar o exercito de 100 mil homens, permitido pelo Tratado de Versalhes, dotando-o com armas de qualidade, um exemplo disso foi a falta de recursos para adquirir a quantidade permitida de veículos para as tropas. Contudo, apesar das limitações financeiras,

⁹⁴ Estado Maior é a reunião de oficiais de alta patente para organizar e administrar uma tropa ou exército nacional.

⁹⁵ Corum, James S. (1997). **The Luftwaffe: Creating the Operational Air War, 1918–1940**. University Press of Kansas. P.37 (tradução livre).

⁹⁶ Guderian, Heinz; tradução De Paula, Luiz Carlos Carneiro; **Achtung, Panzer! O desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914 – 1937)**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2009.pp. 164.

⁹⁷ Ibid. p. 164.

conseguiram desenvolver um veículo com tração nas quatro rodas, eficaz em uma diversidade de terreno, e foi montado o primeiro curso de oficiais com veículos, passos importantes para o desenvolvimento das futuras tropas motorizadas do país.⁹⁸

Diante da proibição da posse dos veículos sobre lagartas⁹⁹, as tropas alemãs iniciaram os testes com veículos de 08 ou 10 rodas, identificando as possibilidades de seus usos em treinamentos. Descobriu-se que era impossível ter um veículo capaz de satisfazer todas as funções, ou seja, transpor obstáculos, ter velocidade para reconhecimento, blindagem para suportar as armas de defesa em um ataque frontal e mobilidade tática para combater outros tanques.¹⁰⁰

Neste rol de criatividade e inovação a força mecanizada do exército alemão incluíram motocicletas, utilizadas pela primeira vez nas manobras de 1928, mostrando os indícios das novidades que o círculo dos oficiais do Estado Maior estavam desenvolvendo, novas táticas e conceitos e formas de organizar as forças armadas, entre elas a formalização de uma escola especializada na instrução das forças mecanizadas.¹⁰¹

Na prática os esquadrões, pouco a pouco, foram guarnecidos com companhia de motocicletas, veículos blindados de reconhecimento, unidades de tanques e antitanques, embora, nesse momento, tais unidades fossem formadas por “tanques” de madeira ou simulacros, foram importantes para compor e melhorar as técnicas entre forças motorizadas e infantarias, estimulando a posterior organização das forças blindadas de forma geral.¹⁰²

Para melhorar e ampliar a visão dos blindados, os alemães estudaram veículos estrangeiros e suas táticas a fim de corrigir possíveis erros, porém, mesmo assim tiveram falhas, pois o conhecimento e a experiência adquirida por outras nações em 16 anos, não poderia simplesmente ser substituído com estudos de pranchetas.¹⁰³

É importante destacar que mesmo antes da tomada de poder por Adolf Hitler, as forças armadas germânicas dedicavam, na medida do possível, ao seu aperfeiçoamento tático e estratégico, numa constante busca pela incorporação de novas tecnologias no campo de combate.

⁹⁸ Ibid. p. 196.

⁹⁹ Veículos sobre lagarta são aqueles que tem no lugar de rodas um esteira, o que possibilita maior tração.

¹⁰⁰ Guderian, Heinz. Op. Cit. p. 196.

¹⁰¹ Ibid. p. 197.

¹⁰² Ibid. p. 198.

¹⁰³ Ibid. p. 198.

Após a tomada do poder por Adolf Hitler, os simulacros e peças de madeiras foram banidos, os esquadrões reforçados, mediante a adoção de companhias de reconhecimento e de forças anti-carro. Em 1935 foi criado o comando especial das tropas blindadas com a tarefa de aperfeiçoar os exercícios militares, explorar e testar as combinações táticas que pudesse colocar essas novas formas em ação, da maneira mais eficaz possível.¹⁰⁴

Além das forças terrestres Hitler instituiu a aviação militar, a Luftwaffe, força responsável pelos ataques iniciais das campanhas militares, parte fundamental nas teorias de guerras de manobras e vitórias rápidas no campo de batalha. Ela tinha em suas fileiras aeronaves de bombardeio e de mergulho, além de aviões tipo caça, para proteção dos bombardeios e aviões de transporte de tropas do tipo pouso ou lançamento de paraquedistas.¹⁰⁵

Previa-se a utilização das forças aéreas alemãs, para os seguintes objetivos táticos e estratégicos: a) destruir a força aérea inimiga bombardeando suas bases e fábricas de aviões, e derrotar as suas forças aéreas, b) evitar o movimento de grandes forças terrestres inimigas para as áreas decisivas, destruindo ferrovias e estradas, especialmente pontes e túneis, que fossem indispensáveis para o movimento e fornecimento de forças, c) apoiar as operações das formações do exército, e participar diretamente de operações terrestres, d) apoiar operações navais, atacando bases, protegendo as edificações navais da Alemanha e participando diretamente de batalhas em alto mar e, e) paralisar as forças armadas inimigas, parando a produção nas fábricas de armamento. O desenvolvimento das suas técnicas estava focado na destruição do poder industrial e forças terrestres dos inimigos, para tanto, era necessário a supremacia no ar. Por isso, o primeiro passo nos ataques era a destruição das aeronaves inimigas ainda em solo.¹⁰⁶

A princípio as forças alemãs treinaram de acordo com manuais já existente, principalmente visualizando os treinamentos franceses, russos, e ingleses, porém, o procedimento padrão adotado foi o dos ingleses, para aproveitar suas experiências e usos.

[...] depois de considerações maduras, foi decidido que até que tivéssemos acumulado experiência suficiente por conta própria, deveríamos nos basear em articular nas nações britânicas, tal como

¹⁰⁴ Ibid. p. 199.

¹⁰⁵ Corum, James. The Luftwaffe: Creating the Operational Air War, 1918–1940. Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 1997p.130 (tradução livre).

¹⁰⁶ Hooton, E.R. Luftwaffe at War: Gathering Storm 1933–39: Volume 1. London: Chevron/Ian Allan, 2007. P.37 (tradução livre)

expressas nas Instruções Provisórias para o Treinamento com Blindados e Carros de Combate, Parte II, 1927. Esse documento estava claramente definido e não somente oferecia os rumos que precisávamos para nossas próprias experiências, como também abria o caminho para o desenvolvimento que parecia preso aos bem conhecidos regulamentos franceses do período, que procuravam atrelar os carros de combate a infantaria. O alto-Comando aprovou, e, até 1933, o treinamento intelectual do corpo de oficiais das tropas motorizadas da futura força blindada foi executado de acordo com os regulamentos britânicos¹⁰⁷.

As tropas ficavam aquarteladas em estruturas militares padrões, dotadas de alojamentos, áreas para refeição, campos de treinamento e galpões para os veículos, as quais permitiam treinar de forma comum todo o exército nazista.¹⁰⁸

Nesses locais eram realizados testes de aptidões, e assim os soldados eram direcionados para treinamentos específicos nas diversas áreas que os blindados necessitavam; motoristas, atiradores, pessoal de comunicação entre outros, coroados com exercícios de longa duração.¹⁰⁹

Nas forças mecanizadas existia uma escola específica, essa instituição possuía seu próprio estado maior. Nela, oficiais de alta patente responsabilizavam-se pela formação das forças blindadas em que capacitavam os oficiais superiores que eram os comandantes dos batalhões e os oficiais medianos responsáveis por grupos de tanques. A ela cabia, também, a realização dos testes com peças e combustíveis, no intuito principal de visualizar suas durabilidades e poder em combate.¹¹⁰

Os alemães puderam contar com alguns exemplos para montar e treinar suas tropas. Durante a primeira Guerra Mundial onde os combates eram travados na sua maioria em trincheiras, houve na frente russa a experiência da guerra de manobra, em que a frente de combate era muito extensa e cujos estudos levou a conclusão de que forças pequenas e coordenadas possuía mais valor do que as grandes aglomerações, descoordenadas.¹¹¹

Outra ação educativa foi o ataque italiano a Abissínia, que demonstrou a importância dos meios de locomoção (estradas) para as tropas motorizadas e o valor da

¹⁰⁷ Guderian, Heinz. Op. Cit. p. 205.

¹⁰⁸ Ibid. p. 214.

¹⁰⁹ Ibid. p. 214.

¹¹⁰ Ibid. p. 214.

¹¹¹ Corum, James S. (1992). **The Roots of Blitzkrieg: Hans von Seeckt and German Military Reform.** *Modern War Studies*. Lawrence: University Press of Kansas, p.07 (tradução livre).

velocidade do deslocamento para a obtenção da vitória italiana, pois, em aproximadamente oito meses eles conquistaram um país, graças à força e a funcionalidade dos carros de combate. Finalmente, a guerra civil espanhola, que colocou as tropas alemãs em ação em um campo real, permitiu aos alemães testar a sua força aérea; notadamente, a precisão dos ataques dos bombardeiros, a função dos caças de apoio e a retirada de feridos por aeronaves. Além, do teste das formações maciças de tanques nazistas, ainda que tripulados por espanhóis e de armas como as metralhadoras de 88 milímetros.¹¹²

¹¹² Neitzel, Söhnke and Harald Weltzer. *Soldaten: On Fighting, Killing and Dying: The Secret Second World War Tapes of German POWs*. New York: Simon & Schuster, 2012. pp. 57-58. (tradução livre).

Capitulo 02: A guerra relâmpago em cena

2.1 – A conquista da Polônia

No dia 01 de setembro de 1939 as 04:45min a Alemanha invadiu a Polônia, dando execução do plano ‘Fall Weiss’¹¹³ ou Plano Branco, em português. Para manter o ataque em sigilo as ordens às tropas foram repassadas apenas 12 horas antes, ou seja, às 17 horas do dia 31 de agosto.

Antevendo um possível ataque o exército polonês, seguindo táticas da primeira guerra mundial, deslocou sete divisões ao longo da fronteira. Numericamente inferior aos agressores e com um arsenal defasado, os militares não se preocuparam em manter um ponto forte ou uma ponta de lança.¹¹⁴ Apesar da avaliação inglesa e francesa de que o país possuía 80 divisões¹¹⁵, efetivamente, as forças armadas polonesas somavam apenas 30, sendo que destas somente 27 estavam totalmente mobilizadas.¹¹⁶

Com uma força esmagadora, compostas com quatro exércitos, deslocados a partir da Prússia Oriental, da Pomerânia, da Silésia e da Eslováquia, os alemães colocam em pratica sua ofensiva. O primeiro passo foi o bombardeio naval executado a partir do cruzador-couraçado Schleswig-Holstein, seguido por um amplo ataque aéreo, que em dois dias destruiu a força aérea polonesa. Partiu-se, então para o avanço por terra que tinha o apoio de “stukas” – bombardeios de mergulho, certos em seus ataques –, em que, seguindo-se a estratégia pré-estabelecidas em treinamentos os aviões davam apoio aos avanços em terra. As divisões blindadas abriram caminho para o avanço da infantaria e da artilharia que as acompanhavam com suas força autopropulsadas.



¹¹³ Esse é o codinome para a campanha da Polônia, a tradução para o português significa Plano Branco.

¹¹⁴ De acordo com termos militares, local na formação militar onde se concentra uma força maior e com mais poder de choque, ou seja, espaço em que se agregam as tropas melhores equipadas e treinadas.

¹¹⁵ Parte de uma força militar que correspondem de 10 mil a 30 mil homens. Representado em mapas por um quadrado com um X em seu interior e com dois XX acima do quadrado.

¹¹⁶ Young, Perter; tradução Krestan, Rodolfo Eduardo, **Segunda Guerra Mundial**; São Paulo, Editora Círculo do Livro; p.18.

¹¹⁷ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1939, número 207 do ano XLIX, p.7.

Em 02 de setembro de 1939 dava-se conta do início das hostilidades entre poloneses e alemães, dando-se destaque a força demonstrada da tática da guerra relâmpago; na ação conjunta e rápida de todas as forças, navais, terrestres e aéreas em condições de supressa contra o inimigo.

A partir de várias fontes, nas principais capitais europeias, dá-se conta sobre as primeiras notícias sobre o ataque alemão, descrevendo o avanço nazista como amplo, realizado em quatro frentes diferentes visando as cidades de Czestochowa, Doialdowo e Mlava e na frente da Prússia Oriental, região ao norte da Polônia, separada do território germânico pelo corredor polonês, na qual relata-se o maior êxito das forças terrestres germânicas, naquele momento.

O fato é na invasão da Polônia deu-se uma batalha rápida e profunda num cenário totalmente diferente da Primeira Guerra Mundial, a velocidade dos motores e dos aviões ditou o ritmo dos combates e dos avanços. A Alemanha usou seis divisões blindadas, composta especificamente pelos “Panzers”, a saber: PZ KW 01¹¹⁸, PZ KW 02¹¹⁹, menos sofisticados, o PZ KW 03¹²⁰, mediano, e alguns PZ KW 04¹²¹, mais modernos, contudo, menos numerosos nas fileiras da batalha.



122

Tanque leve modelo Sdkz 265, em operação na Polônia.

¹¹⁸ Panzer I veículo com blindagem de 6 a 13 mm, armado com duas metralhadoras MG 13, alcance de 145 quilômetros e velocidade em estrada de 37Km/h, produzidos no ano de 1934.

¹¹⁹ Panzer II veículo com blindagem de 20 a 35 mm, armado com uma metralhadora e uma canhão de 20mm, alcance de 200 quilômetros e velocidade em estrada de 55Km/h, produzidos no ano de 1935.

¹²⁰ Panzer III veículo com blindagem de 30 mm, armado com uma metralhadora e uma canhão de 75mm, alcance de 175 quilômetros e velocidade em estrada de 40Km/h, produzidos no ano de 1935.

¹²¹ Panzer IV veículo com blindagem de 50 a 60mm, armado com duas metralhadoras e uma canhão de 75mm, alcance de 200 quilômetros e velocidade em estrada de 38Km/h, produzidos no ano de 1935.

¹²² Chambelain, Peter and Doyle, Hilary L., **Encyclopedia of German Tanks**, Of Word War Two, a complete illustrated directory of German battle tanks, armoured car, self-propelled guns and semi-tracked vehicles, 1933-1945. Technical editor: Thomas L. Jentz, p..23.

corpo diplomático, o governo e o comando militar polonês já estavam em fuga da cidade. O sudeste foi cortado pelo 14º Exército, que, tendo conquistado a Cracóvia, avançou em direção à fronteira romena.

A oeste do rio Vístula, o exército polonês tentou uma reviravolta, avançando sobre o flanco esquerdo do 8º Exército alemão. Contudo, o general Rundstedt reorientou o seu 5º Exército, lançou o 15º Corpo de Exército motorizado e o 16º corpo blindado pela retaguarda do General polonês Bortnovski. Ao final a reação polonesa nada mais resultou do que no primeiro grande cerco da guerra, o bolsão do Bzura, no qual 19 divisões polonesas foram capturadas.

Em 07 de setembro de 1939, o Jornal do Brasil já noticiava os alemães as portas de Varsóvia, a capital polonesa já estava ameaçada em apenas 6 dias de batalhas, de nada adiantara o esforço das tropas polonesas em usar os recursos naturais como barreiras militares, os rios Vístula e Bug seriam usados para deter o avanço alemão, que já se situava próximo as periferias da cidade.



A grande vantagem do Exército alemão sobre todos os outros, naquele momento, era a sua capacidade de reagir rapidamente às situações, graças à proximidade do comando ao front e a excelência de suas comunicações via rádio. Vide-se a imagem General Heinz Guderian, comandante do 19º Corpo Panzer, em seu veículo de comando, tendo no primeiro plano uma máquina criptográfica Enigma.¹²⁹

¹²⁸ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1939, número 211 do ano XLIX, p.8.

¹²⁹ Máquina usada para transmitir mensagens codificadas (criptografadas) e a mesma era usada para traduzir as mensagens.

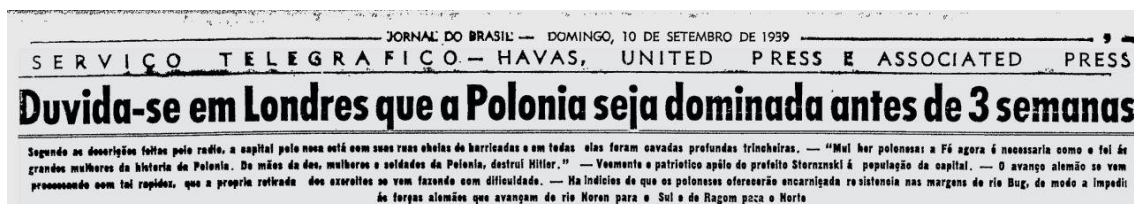


130

Com o excelente desempenho das unidades blindadas e aéreas alemãs, a cavalaria e a infantaria dos defensores ficaram impotentes e a sua artilharia que era movida a cavalos (hipomóvel) perdeu quase sua totalidade de veículos, sob o bombardeio da aviação. Finalmente, os ataques aéreos em profundidade, cortaram as comunicações e desorganizaram as retaguardas. Em um movimento de pinça, ação tática típica da estratégia da blitzkrieg onde a profundidade do ataque, juntamente com apoio constante da força aérea e de artilharia, dava condições para os cercos serem fechados contra os inimigos, as forças germânicas cercaram as polonesas.

Em uma semana o exército polonês foi vencido, restava combater algumas tropas que ainda lutavam, porém de maneira desorganizadas, este foi o desafio da segunda fase da campanha da Polônia que durou de 09 a 17 de setembro, ou seja, mais oito dias.¹³¹

Tal ação repercutiu mundialmente, incluso, nas notícias aqui publicadas pelo Jornal do Brasil, vide-se:



132

¹³⁰ Theodor V. Reinaldo, **A Batalha do Rio Bzura**. Edição online visualizada em 18/12/2014 no sitio http://www.clubesomnium.org/sitenovo/images/arquivos/militaria/batalhas/Batalha_do_Bzura.pdf

¹³¹ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. P.12.

¹³² **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1939, número 215 do ano XLIX, p.9.

Varsovia resiste

E' O QUE AFIRMA, EM COMUNICADO OFICIAL, O ALTO COMANDO DO EXERCITO ALEMÃO — A AVIAÇÃO GERMANICA CASTIGA FORTEMENTE AS CIDADES INDUSTRIAIS E OS CENTROS DE COMUNICAÇÕES DA POLONIA

133

JORNAL DO BRASIL — SABADO, 16 DE SETEMBRO DE 1939
SERVIÇO TELEGRAFICO - ASSOCIATED PRESS, HAVAS E UNITED PRESS

Os poloneses lutam denodadamente contra a destruição de sua pátria

A "GUERRA RELAMPAGO" DOS ALEMÃES CONSEGUIU ACRESCENTAR CERCA DE 150.000 MILHAS QUADRADAS AO "ESPAÇO VITAL" DO REICH — CAINDO SOBRE A POLONIA PELO NORTE, SUL E OESTE, OS GUERREIROS DO FUH RER OCUPARAM TODA A PARTE OCIDENTAL DO PAIS, EXCEPTO DA PENINSULA EM QUE VARSOVIA ESTÁ ENCRAVADA

134

Consolida-se, a partir de então, a expressão guerra relâmpago, com realce ao fato de que os efeitos e a velocidade das conquistas alemã eram algo extremamente surpreendente, principalmente pela Primeira Grande Guerra ter sido de trincheiras. O avanço sobre as 150 mil milhas descrito na notícia, representam a conquista, em oito dias de 241 mil quilômetros quadradas. Os avanços foram de uma velocidade até então desconhecida, no âmbito militar, o que causava espantos e dúvidas em várias partes do mundo, duvida-se, até então que uma nação pudesse cair antes de, pelo menos, três semanas.

Finalmente, em 16 de setembro de 1939, Varsóvia foi sitiada. Tendo-se em conta que toda resistência coordenada cessara, os generais alemães propuseram bloquear a cidade e esperar sua capitulação. As forças armadas polacas estavam nesse momento sem coordenação e comando, resistiam por ímpeto moral, nacionalismo, mas sem uma tática definida. As tropas germânicas decidiram não colocar suas tropas em risco atacando uma grande cidade com muitas pessoas armadas, a tática adotada foi cercar a cidade e interromper o fornecimento de água, luz e comida, até que ela capitulasse.

Percebe-se neste mapa que mostra os pontos de conquista dos alemães e dos russos, evidenciando que as forças polonesas já não tinham nada mais a fazer além de resistir nos locais onde se encontravam estacionadas, foram reduzidas a bolsões de resistência, sem táticas, apenas lutando por honra e por uma nação que não existia mais, tornaram-se em meros grupos de resistência armados.

¹³³ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1939, número 215 do ano XLIX, p.9.

¹³⁴ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1939, número 220 do ano XLIX, p.7.



135

Ao invadir a Polônia, apoiada pela França e da Inglaterra, não era intenção imediata de Hitler envolver-se numa contenda com os aliados dos poloneses, embora esse risco estivesse presente. Contudo as potências ocidentais não reagiriam, pois as tropas inglesas estavam em sua maioria na ilha britânica, e assim como os franceses, acreditava-se que a Alemanha estava rumo a uma guerra contra a Rússia. Contudo, o ataque russo ao território polonês, revelou aos ocidentais o pacto Berlin-Moscou¹³⁶, mas já era tarde demais para uma ofensiva contra o território germânico, com a vitória as tropas de Hitler estavam livres para defender a fronteira alemã.¹³⁷

Em 17 de setembro noticiou-se o ataque das forças da União Soviética à Polônia, naquele momento, as esperanças de salvar a existência da Polônia se esvaíram. Os aliados não tinham interesse de entrar em guerra com a URSS.

¹³⁵ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1939, número 223 do ano XLIX, p.9.

¹³⁶ Pacto de não agressão assinado por Ribbentrop e Molotov, ministros do exterior da Alemanha e da Rússia respectivamente, esse pacto era para uma paz entre os nazistas e comunistas e dividia a Polônia entre eles também.

¹³⁷ Hobsbawm, Eric. **Era dos Extremos, o breve século XX**. São Paulo: Cia Letras, 1995. pp.37-40.

Dissipada toda a esperança de salvar a existencia nominal da Polônia

Diz-se em Londres que muito dificilmente a França e Grã-Bretanha iriam a uma guerra com a Russia para reconstruir o mapa europeu traçado em Versalhes — No entanto, anuncia-se que o governo inglês resolvera protestar junto a Moscou contra a invasão da Polônia

138

Progressivamente, as forças germânicas cercaram os bolsões de resistências polonesas entre os quais Varsóvia, que lutou bravamente contra os invasores. Contudo, sem necessidade de um avanço rápido, as tropas nazistas cercaram a cidade e a força aérea bombardeou-a.

Se Varsóvia era tida como uma fortaleza, Hitler não se deu por vencido diante da sua resistência, mandou que a aviação e a artilharia alemã a castigassem. Após 04 dias de bombardeio, a cidade rendeu-se a 27 de setembro de 1939. A Polônia, que os estados-maiores ocidentais julgavam estar apta a resistir por um ano, foi arrasada em 19 dias, com um saldo de 694.000 prisioneiros para os alemães - e mais 217.000 nas mãos dos russos, enquanto do lado do Exército alemão, somaram-se apenas 10.572 mortos, 30.322 feridos e 3.409 desaparecidos.

¹³⁸ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1939, número 222 do ano XLIX, p.8.

2.2 - Dinamarca e Noruega

Para o espaço vital alemão que Hitler sonhava era necessário haver áreas de proteção, além disso, o Fuhrer não queria que a Inglaterra tomasse de assalto áreas que pudessem aproximar os britânicos da nação germânica. Assim sendo, a conquista da Dinamarca era necessária para proteger Alemanha de possíveis ataques, além de aproximar a frota nazista da ilha britânica, o que também acontece com o território da Noruega, além desses fatos o país escandinavo possuía fontes de recursos minerais importantes para a máquina de guerra alemã.

A Dinamarca, um país pequeno e relativamente plano, era um território ideal para operações do exército alemão. Às 04:20 hora local, do dia 09 de abril, um batalhão reforçado de infantaria alemã desembarcou no porto de Copenhague, capturando rapidamente a guarnição ali instalada sem encontrar grande resistência. De lá as tropas se moveram em direção Palácio de Amalienborg para capturar a família real dinamarquesa. Inicialmente, a Guarda Real conseguiu repelir o ataque, contudo, a medida em que várias formações de Heinkel He 111¹³⁹ alemães surgiram na cidade, o governo optou pela rendição.

A invasão da Dinamarca durou menos de seis horas e foi a mais curta campanha militar conduzida pelos alemães durante a guerra. As forças de defesa do país eram pequenas, grande parte da sua aviação de combate foi destruída ainda em solo, nas primeiras horas da manhã. Algumas tropas dinamarquesas conseguiram algumas vitórias sobre o exército alemão, impondo a estes 203 perdas e sofrendo 16 mortes e 20 feridos.¹⁴⁰

De forma paralela, ao ataque a Dinamarca tropas germânicas realizavam ataques a Noruega. Abaixo uma notícia que reporta-se as ofensivas alemã, sobre o país escandinavo.

¹³⁹ Avião do tipo bombardeio que transportava bombas de 2.500 quilos.

¹⁴⁰ Outze, Børge. *Danmark under anden verdenskrig*. Copenhagen: Hasselbalch, 1962. p. 359. (Tradução livre).

início por indicação do governo Quisling de Oslo, para a defesa contra um ataque hoje realizado por aviões britânicos contra a cidade de Drontheim. Em consequência da defesa eficiente, os ingleses tiveram de retirar-se depois de poucos minutos de combate.

Hoje chegaram a Drontheim vários navios-transporte que descarregaram especialmente artilharia pesada, baterias anti-aéreas, carros blindados e munição. Por via férrea chegaram a Drontheim reforços de tropas alemãs procedentes da Noruega do Sul.

A cidade de Drontheim propriamente dita está tranquila. Retinuíam suas atividades as casas comerciais, bancos e restaurantes. Do mesmo modo continuavam as aulas com exceção de uma escola, na qual se instalaram tropas alemãs. Só de quando em quando é que se vêem uniformes alemães nas ruas, que lembram a mudança da situação. Por ser a primeira vez que se ouviram sirenes de alarma, o fenómeno provocou hoje naturalmente certa agitação, mas a população tranquilizou-se rapidamente, ao saber que aviões ingleses tentaram atacar a cidade, sendo, porém, logo rechazados pelas baterias anti-aéreas.

A cidade de Drontheim (Drontheim) é a terceira da Noruega e tem 54.000 habitantes. A população não mostra nenhum sentimento hostil ante as tropas alemãs, que são tratadas corretamente pelos habitantes da cidade.

AFUNDADO UM NAVIO TRANSPORTE ALEMÃO

Estocolmo, 11 (A. P.) — O navio transporte alemão *Antares*, de 2.593 toneladas, foi afundado ontem à noite ao largo da costa oeste da Noruega. Trinta e quatro sobreviventes foram desembarcados em Lisekl. Declararam esses sobreviventes que o navio havia batido em uma mina. Acredita-se que houve 100 baixas.

MANEJADOS POR TROPAS ALEMÃS AS BATERIAS DAS CIDADES NORUEGUEZAS

Berlim, 11 (A. P.) — A agência oficial DNE diz que as baterias costeiras das cidades norueguesas ocupadas estão, agora, sen-

digna, que os alemães conseguiram se apossar em Oslo de vários do-



Os principais pontos onde se desenrolam os encontros entre aliados e alemães ao longo da costa norueguesa

manha nazista. O pequeno Partido de aventureiros e traidores que cerca Quisling juntou-se ao inimigo. A Ditadura alemã pretende esmagar o movimento trabalhista e oprimir todo o povo sob uma tirania barbara. Encarecemos a urgência de que todos colaborem e que o leal povo organize, com a contribuição dos trabalhadores, a defesa do país."

COMUNICACAO OFICIAL DE BERLIM

Berlim, 11 (T. O.) — Hoje, à noite, comunica-se oficialmente o seguinte: "Hoje, à noite, a aviação alemã atacou eficazmente forças navais britânicas a 200 quilômetros do Noroeste de Trondheim. Em consequência desse ataque registrou-se um porta-aviões britânico gravemente atingido por uma bomba de alto calibre. Obtiveram-se ademais graves danos em um cruzador inglês."

RECUEM AS TROPAS ALEMÃS

ESTOCOLMO, 11 (H.) — A Agência Reuter informa que tropas germanicas vindas de Trondheim chegaram a Steinjker, perto do fjord de Trondheim e ali foram contidas pelos noruegueses.

RECEBERAM ORDEM DE REGRESSAR OS VAPORES NORUEGUESES

WASHINGTON, 11 (U. P.) — Os vapores noruegueses *Mormac Star* e *Mormac Tide*, que se acham a caminho da Noruega, receberam ordem de regressar imediatamente a Nova York. Também o *Mormac Port*,

Entrou no terceiro dia o combate naval de Skagerrak

Do encarniçamento da luta fala com tragica eloquencia o fato das aguas nordicas arrojarem constantemente á costa milhares de cadaveres — Ao que parece, intervêm no combate 50 navios aliados contra 100 alemães e 800 aviões aliados contra 1.000 alemães de todos os tipos

141

Retrata-se que a batalha pela Noruega foi confusa pois as tropas inglesas, decidiram proteger a qualquer custo essa nação, e o povo norueguês dispunha-se a resistir bravamente a invasão. Contudo, as forças alemãs eram de uma envergadura considerável e para a tarefa foram deslocados 100 navios e 1000 aviões que enfrentaram 50 navios e 800 aviões dos noruegueses e dos ingleses; em movimentos de recuos e avanços em ambos os lados. A forças aérea germânica transportando militares conquistaram e confundiram as linhas de defesa norueguesas, enquanto forças inglesas buscavam desembarcar em portos, cidades foram disputadas por dias.

Num primeiro momento tais dificuldades parecem contradizer as táticas da guerra relâmpago. Contudo, o que ocorreu foi que na invasão da Noruega a contraofensiva foi

1 hora.¹⁴⁵ Novamente, os ataques combinados com bases nas teorias da guerra relâmpago, foram bem sucedidos, principalmente os bombardeios e tropas aerotransportadas.

No dia 9 de abril a força naval alemã conquistou e desembarcou tropas em Narvik, no extremo norte da Noruega. No dia seguinte sofreram um contra-ataque britânico, de forças navais que se encontravam próximas e tinham o objetivo de conquistar e manter esse porto, colocaram a pique dois destróieres da marinha alemã. Contudo, elas receberam apoio de outros destróieres e afundaram dois navios ingleses. Porém com o apoio de um couraçado os britânicos conseguiram, no dia 13 de abril, vencer a batalha naval de Narvik e buscaram a conquista da cidade, sob o poder dos alemães.¹⁴⁶

Em 21 de abril houve o primeiro combate terrestre entre alemães e britânicos, foi em Lillehammer ao norte de Hamar, as tropas inglesas só tinham equipamentos individuais e não dispunham de apoio, os alemães tinham tanques leves e apoio de artilharia e aéreo. Lillehammer caiu após 24 horas de combate, os britânicos começaram uma retirada de 225 quilômetros pelas ferrovias, até Andalsnes.¹⁴⁷ Finalmente, uma força de 25 mil homens compostos pelos aliados conquistaram a cidade de Narvik em 28 de maio, porém com o ataque alemão à França as tropas se retiraram.

Com as forças aliadas em retirada para as frentes de batalha na França, os noruegueses ficaram entregues a sua própria sorte, sendo assim, já passaram a buscar negociações de paz com os alemães. As forças nazistas ocuparam a cidade, e em 12 de junho aceitaram a capitulação das tropas norueguesas.¹⁴⁸

A conquista da Noruega demonstra mais uma vez a velocidade com que as forças armadas germânicas, dominaram uma nação, pouco menos de um mês. O balanço do conflito foi de 1.317 mortos, 2.375 desaparecidos e 1.604 feridos num total de 5.296 pelo lado dos alemães, com destaque negativo para a redução do poderio naval alemão, pois, para conseguir conquistar os portos noruegueses os alemães sofreram com as baterias de defesa portuária dos escandinavos e se colocaram ante a mais poderosa frota naval do mundo os britânicos, que gerou importantes perdas para as forças navais germânicas. Já os aliados, franceses, britânicos e noruegueses, perderam aproximadamente 5.000 homens entre mortos, feridos e desaparecidos e sofreram um golpe na sua moral por mais uma derrota para os alemães, de forma contundente e rápida.¹⁴⁹

¹⁴⁵ Young, Perter. Op. Cit. p.34.

¹⁴⁶ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. P.133.

¹⁴⁷ Ibid. p.134.

¹⁴⁸ Ibid. p.135.

¹⁴⁹ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. p.139.

2.3 — A frente ocidental: Holanda, Bélgica e Luxemburgo e França

Em 10 de maio de 1940, antes mesmo de terminar a campanha da Noruega, as forças alemãs lançaram um ataque coordenado e maciço sobre a frente ocidental da guerra, pegando os aliados de surpresa. Começava a ofensiva alemã cujo destino último era a França, o avanço de dezoito norte, que tinha a intenção de flanquear¹⁵⁰ a Linha Maginot¹⁵¹.

JORNAL DO BRASIL — DOMINGO, 12 DE MAIO DE 1940

SERVIÇO TELEGRAFICO DO EXTERIOR

A Alemanha intensificou a guerra relam-pago contra a Holanda e a Bélgica

As tropas alemãs entraram em contacto com as principais defesas em cinco pontos: na Holanda, em Arrnhem e Maasricht; na Bélgica, em Malmedy, em frente à fronteira norte de Luxemburgo e a oeste de Maastricht — Alcançaram, também, as forças do Reich a segunda linha de fortificações do canal Albert

10 de maio, 11 (L. P.) — As tropas alemãs intensificaram sua ofensiva contra a Holanda e a Bélgica, por terra e por ar, com o intuito de romper a linha de defesa aliada. Os alemães lançaram um ataque maciço e inesperado contra a Holanda e a Bélgica, pegando os aliados de surpresa. Começava a ofensiva alemã cujo destino último era a França, o avanço de dezoito norte, que tinha a intenção de flanquear a Linha Maginot.

Os alemães continuam lançando na Holanda soldados em parquedas

Tão ampla é a organização desse novo método de guerra que se diziam soldados lançados dos aviões que em determinados pontos encontraram civis alemães munidos de selvo-condutos especiais para auxílios.

12 de maio, 11 (L. P.) — Próximas a capacidade de destino dos aviões alemães, os soldados alemães foram lançados em parquedas sobre a Holanda.

Constituído o gabinete chefiado pelo sr. Churchill

CHAMBERLAIN, ATTLEE, HALIFAX, GREENWOOD E O PREMIER FORMAM O GABINETE DE GUERRA

Essas nomeações levam para o governo membros dos partidos conservador, liberal e trabalhista

— Este é a quarta modificação do governo britânico da inspeção da guerra

12 de maio, 11 (L. P.) — Winston Churchill tornou-se o primeiro-ministro do Reino Unido, sucedendo a Neville Chamberlain. O novo gabinete de guerra foi formado por Chamberlain, Attlee, Halifax, Greenwood e o próprio Churchill. O novo gabinete de guerra foi formado por Chamberlain, Attlee, Halifax, Greenwood e o próprio Churchill.

A ARGENTINA MANIFESTA SUA SIMPATIA A HOLANDA E A BELGICA

BUENOS AIRES, 11 (L. P.) — O Presidente da República Argen-tina, Dr. Castillo, declarou sua simpatia pela Holanda e pela Bélgica, que estão sendo atacadas pela Alemanha.

Tropas franco-britânicas conduzem "tanks" através da Bélgica para posições que não foram reveladas

Estão sendo muito ativos as operações, especialmente por parte dos aviadores belgas e das baterias anti-aéreas — Bruxelas foi, hontem, por duas vezes bombardeada

Segundo a notícia, às 4 horas da manhã do dia 10 de maio, os paraquedistas alemães desceram em campos aéreos e pontes, e bombardeiros de mergulho cruzaram a fronteira e destruíram a força aérea presente na fortaleza Holanda. Assim, os aliados tiveram sua força aérea reduzida a aproximadamente 50% já no primeiro dia, o restante executou 332 saídas¹⁵³, mas teve quase sua totalidade perdida nessas missões.

¹⁵⁰ Cercar, atacar pelos lados.

¹⁵¹ A Linha Maginot (em francês: *ligne Maginot*) foi uma linha de fortificações e de defesa construída pela França ao longo de suas fronteiras com a Alemanha e a Itália, após a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente entre 1930 e 1936. O termo *linha Maginot* designa às vezes o sistema inteiro, e às vezes unicamente as defesas contra a Alemanha. As defesas contra a Itália são chamadas *linha Alpina*. O complexo de defesa possuía várias vias subterrâneas, obstáculos, baterias blindadas escalonadas em profundidade, postos de observação com abóbadas blindadas e paióis de munições a grande profundidade.

¹⁵² **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1940, número 110 do ano L, p.7.

¹⁵³ Saídas, termo para identificar que o avião militar deixou sua base para realizar uma missão. Seja de reconhecimento, de bombardeio, de ataque, ou seja, por qualquer motivo.

Na sequência dos combates, em 12 de maio de 1940, a Grebbe-Peel¹⁵⁴ foi esmagada e os alemães, após lutar e rechaçar o 7º exército francês, dominaram as margem sul do Nieuwe Maas, oposta a Rotterdam. Na frente central, alcançaram a linha Meuse. O 7º exército francês, deslocado para o apoio aos holandeses, não conseguiu parar o avanço alemão, que após seguidas vitórias já se encontravam, no dia seguinte, às portas de Roterdã, ocasião em que a *Luftwaffe* executou o bombardeio aéreo mais pesado realizado durante a guerra e que o mundo tinha testemunhado até então.¹⁵⁵

Neutralizada a capacidade aérea e prejudicada a defesa holandesa pelos bombardeios deu-se, na sequência, uma encarniçada batalha de carros de assalto, com mais de 2000 veículos. Contudo os esforços do país foram insuficientes para deter o avanço alemão.

Em 14 de maio, um bombardeio a Roterdã matou 814 e desabrigou mais 78.000 pessoas. Neste cenário o alto comando holandês, considerou a resistência estrategicamente impossível e diante do temor da destruição de outras cidades rendeu, assinando, no dia seguinte a sua capitulação. O saldo de mortos foi 2.157 soldados do exército, 75 da força aérea e 125, da Marinha, além de 2.559 vítimas civis.¹⁵⁶

As tropas da Alemanha dominaram a Holanda em menos de cinco dias de combates, confirmando que a coordenação das armas em conjunto com o poder dos motores e a sincronia estratégica funcionavam a contento.

As forças aliadas acreditavam que as forças de defesa da Bélgica lhes dariam algumas semanas, para prepararem as linhas de defesa, porém elas resistiram por tão somente dois dias. O alto comando aliado acreditava que o efetivo alemão se concentraria entre Waire e Namur e que esse ponto seria o local da invasão germânica.¹⁵⁷ Contudo, após

¹⁵⁴ A Linha Grebbe (Holandês: *Grebbelinie*) era uma linha de defesa para a frente da holandesa, baseado na inundação.

¹⁵⁵ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. p.152-153 e Krause, M. and Phillips, C. *Historical Perspectives of Operational Art*. Center of Military History Publication. 2006, p. 171; Citino, Robert Michael, *The Path to Blitzkrieg: Doctrine and Training in the German Army, 1920–1939*, Boulder: Lynne Rienner 1999, p. 250 e Frieser, Karl-Heinz, *Blitzkrieg-Legende: Der Westfeldzug 1940, Operationen des Zweiten Weltkrieges [The flash war legend] (in German)*, München: R. Oldenbourg 1995, p. 193.

¹⁵⁶ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962, p.154. e Evans, Martin Marix. *The Fall of France: Act of Daring*. Osprey, Oxford. 2000, p. 38 e “ordenada ao Exército holandês a deposição das armas” **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1940, número 112 do ano L, p.7.

¹⁵⁷ Gunsburg, Jeffery A., **The Battle of the Belgian Plain, 12–14 May 1940: The First Great Tank Battle**, *The Journal of Military History*, 1992, p. 209, 210 e 218.

a consolidação das cabeças de pontes¹⁵⁸ sobre o Mouse, o General Guderim enviou ataques rumo a sudeste, a partir da cidade de Stonne, para confundir as defesas francesas, enquanto a sua força principal, avançou a todo vapor para oeste rumo ao canal da mancha.¹⁵⁹

Em 14 de maio uma força de carros blindados formou três colunas e rompeu as linhas de defesas do 9º e 2º exercito franceses e se dirigiu para o canal, retaguarda das tropas aliadas na Bélgica, numa ação descrita da seguinte forma:

[...] engenheiros de combate lançavam barcos de borracha e erguiam pontes em pontos para a travessia de rios e canais, cada divisão panzer estava dotada de sua artilharia de autopropulsão e de uma brigada de infantaria motorizada, e o corpo blindado, seguido de perto por divisões de infantaria motorizada, para manter as posições abertas pelos tanques, fazendo com que os franceses não pudessem resistir ao XV corpo blindado¹⁶⁰.

Nesta mesma data, 14 de maio de 1940, duas divisões de tanques blindados da XIX Divisão do General Heinz Guderian avançaram a partir de uma ponte feita pelo corpo de engenheiros sobre o Mosa, próximo a Sedan, contra a qual na tentativa de destruí-la os aliados perderam 60 tanques e 40 aviões. Em 24 horas, a inserção dos alemães, em território inimigo, já era de 48 quilômetros de largura e 24 quilômetros de profundidade.¹⁶¹

As forças francesas, no centro vital da linha aliada, tinham sido destroçadas. Aqueles que não tinham sido cercados e capturados tinham-se posto em desordenada retirada. Os exércitos franco-britânicos no norte, bem como as vinte e duas divisões dos belgas, foram colocados em horrível perigo de ficarem isolados.¹⁶²

Com o avanço rápido alemão, as vitórias foram seguidas. Em 15 de maio o 9º Exército francês tinha se rendido em massa, o 2º sofrera grandes perdas, as divisões

¹⁵⁸ Cabeça de ponte, quer dizer que as forças de invasão conquistaram e ultrapassaram um ponto estratégico, onde a partir do mesmo podem receber reforços e dar continuidade ao avanço.

¹⁵⁹ Healy, Mark, Ed. Prigent, John &. *Panzerwaffe: The Campaigns in the West 1940*. Vol. 1. London. Ian Allen. 2008, p. 67

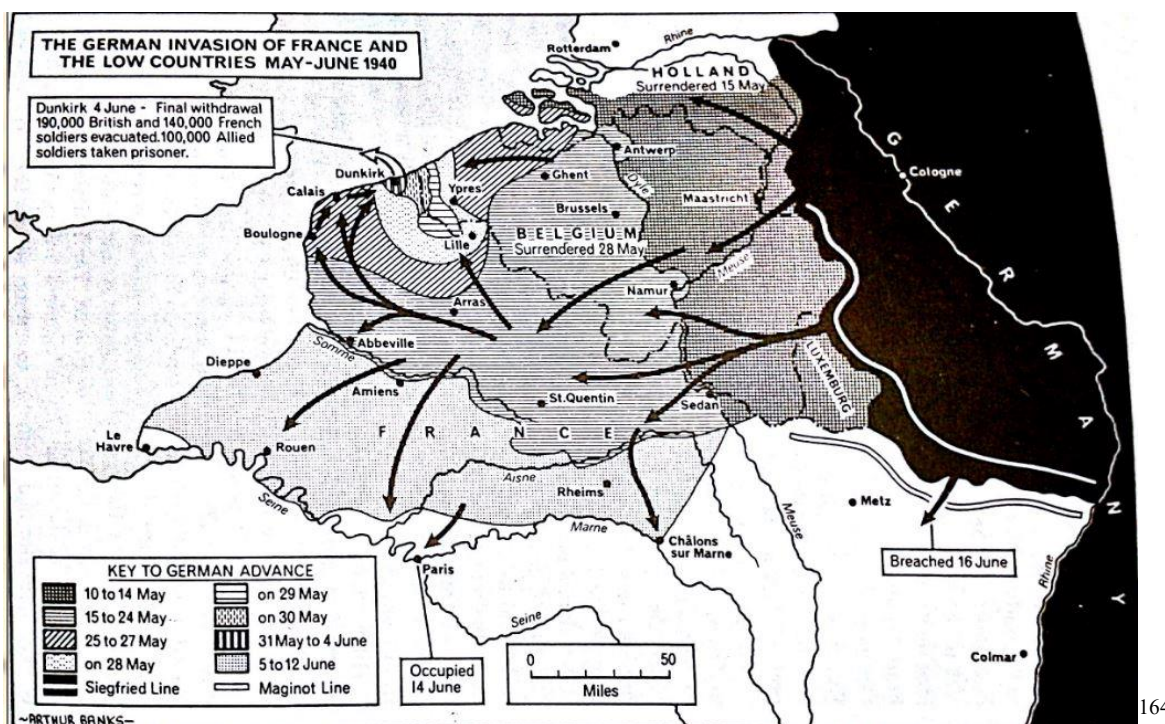
¹⁶⁰ Shirer, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. P.155

¹⁶¹ Ibid. p.156.

¹⁶² Ibid. p.156.

blindadas alemãs avançaram 48 quilômetros em apenas 24 horas e chegavam a Avesnes-sur-Helpe.¹⁶³

Percebe-se que a rapidez dos ataques alemães causava nos aliados descontrole e dificuldades para reorganizar um contra-ataque, diante das contundentes conquistas das forças germânicas. A eficiência deste avanço fica evidente mediante a observação do mapa abaixo:



164

As tropas alemãs, após uma parada estratégica de dois dias para reabastecimento e descanso prosseguiram a sua marcha implacável. Ocuparam Amiens, garantindo a ponte ocidental sobre o rio em Abbeville. Em 11 dias o general Guderian e os tanques de Rommel dominaram o canal, algo que o Exército alemão não conseguiu fazer em quatro anos, durante a Primeira Guerra Mundial. Estabilizado o domínio, Rommel retomou seu avanço ao longo da costa da Normandia, dirigindo em direção a Cherbourg.¹⁶⁵

Até aquele momento, o apoio aéreo para manter as conquistas e proteger os flancos era formidável. O reabastecimento das forças, o sistema de comunicação e o tempo de

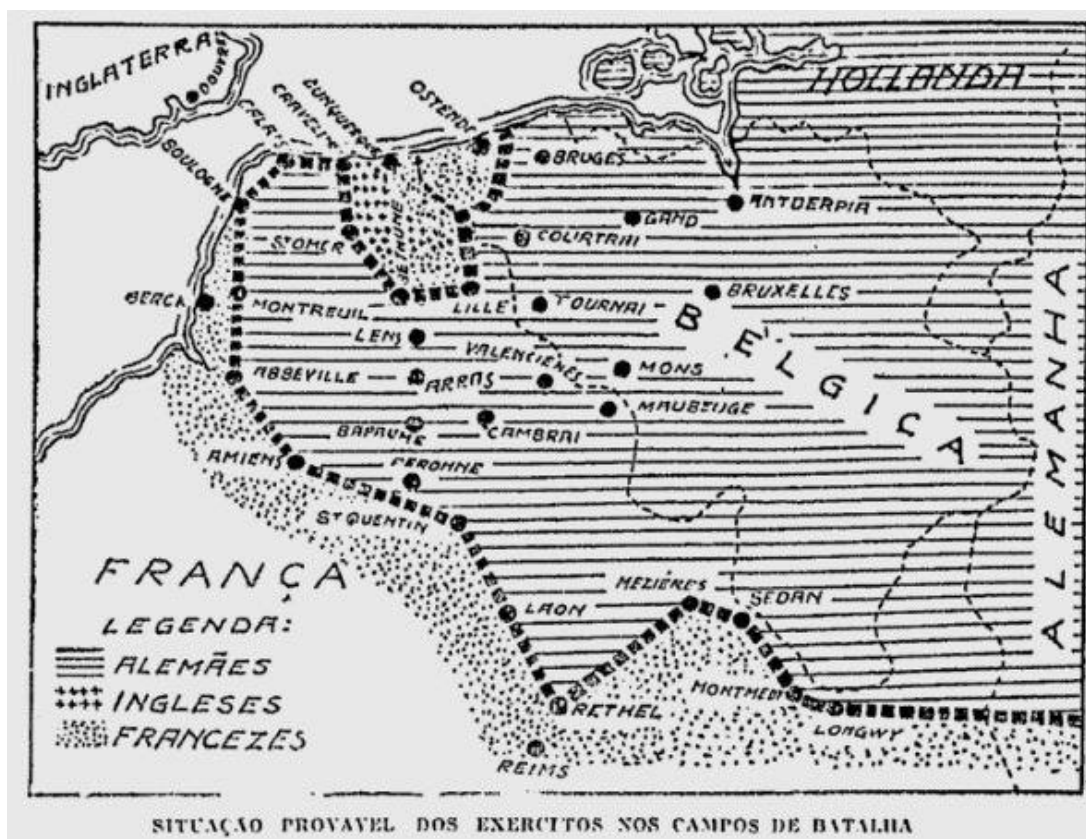
¹⁶³ Evans, Martin Marix. **The Fall of France: Act of Daring**. Osprey, Oxford. 2000 p. 70 e 72, Calvocoressi, Peter; Wint, Guy; Pritchard. John; **The Penguin History of the Second World War**; New York, Penguin Books, 1999; p.135.

¹⁶⁴ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1940, número 112 do ano L, p.7.

¹⁶⁵ Bond, Brian. **Britain, France and Belgium, 1939-1940**. London: Brassy's, 1990, p. 69.

resposta por parte da força aérea, eram surpreendentes e as forças alemãs, movidas pela estratégia da guerra relâmpago, pareciam imbatíveis.¹⁶⁶

Em 27 de maio de 1940, os belgas se renderam de maneira incondicional, as armas foram depositadas às 4 horas da madrugada do dia seguinte. A partir de então, os ataques alemães mudaram definitivamente de direção e concentraram-se em direção ao canal da mancha¹⁶⁷ e em atacar as linhas francesas estacionadas nas fronteiras da Bélgica.



168

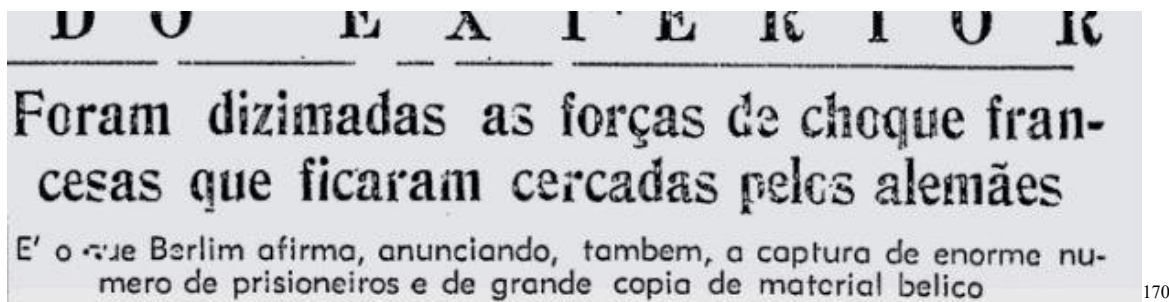
Neste cenário agravava-se a posição dos aliados e dizia-se que somente um milagre poderia salvar as forças aliadas do extermínio e ou da rendição, pois o avanço alemão sobre o território que os belgas abandonaram com a sua capitulação permitirá aos invasores que atacassem pela retaguarda os flancos franceses e britânicos antes mesmo que eles se deslocassem,¹⁶⁹ situação que não tardou a acontecer, levando as notícias vindas do front, sobre a dizimação de importantes unidades de choque francesas e o efetivo domínio, pelo nazistas, de toda a costa franco belga sobre o canal da Mancha, vide-se as manchetes:

¹⁶⁶ Corum, James (1992), *The Roots of Blitzkrieg: Hans von Seeckt and German Military Reform*, Modern War Studies, Lawrence: University Press of Kansas, 1997, p. 277 – 280.

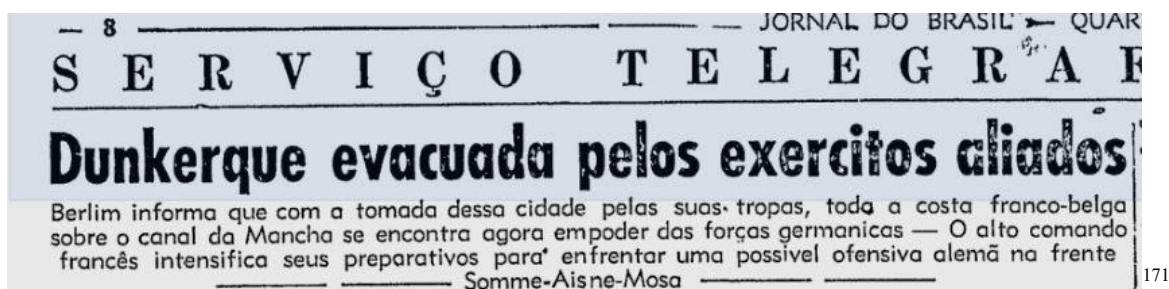
¹⁶⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1940, número 117 do ano L, p.7

¹⁶⁸ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1940, número 125 do ano L, p.7.

¹⁶⁹ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1940, número 125 do ano L, p.8.



170



171

Em 5 de junho, os alemães desfrimaram um maciço ataque na região do Somme e numa linha que começa em Abbeville e percorre até o Reno Superior. Embora desfalcadas as forças de francesas lutaram com bravura utilizando as defesas em profundidade.

Se por um lado, as forças de Hitler tinham dificuldades para conquista e manter cabeças de pontes sobre o Somme. Ao sul de Abbeville, o 10º Exército francês sob comando do general Robert Altmayer teve sua frente quebrada e foi forçado a retirar-se para [Rouen](#), ao sul ao longo do rio Sena, abrindo espaço para o avanço alemão, tornando a queda da capital francesa, inevitável.

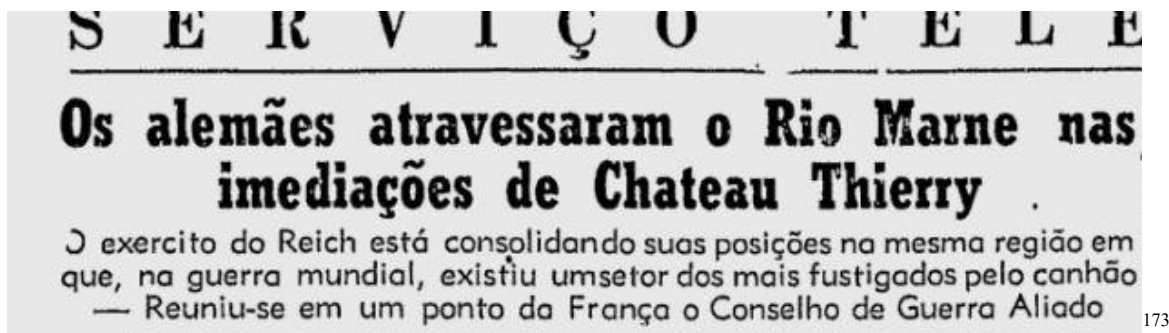
Notícias da guerra davam conta que dia a dia aumentava a pressão alemã contra Paris, os franceses adotavam medidas extremas tentando impedir o avanço das unidades mecanizadas do Reich à capital francesa. No entanto, o Exército alemão avançava dia a dia, consolidando posições e colocando a defesa da cidade numa posição desesperadora.



172

¹⁷⁰ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 02 de junho de 1940, número 128 do ano L, p.8

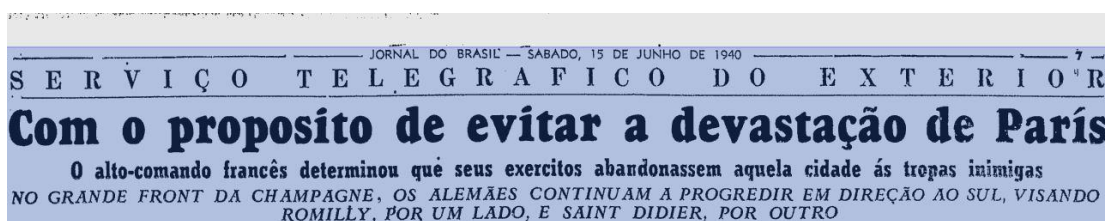
¹⁷¹ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 de junho de 1940, número 130 do ano L, p.8



173

As tropas nazistas avançavam na sua campanha contra uma França sem preparo, proteção, planejamento. O sucesso das táticas dos generais de Hitler, a sua velocidade e agilidade, ajudaram a aumentar o desgoverno entre os franceses, as rápidos avanços sobre cidades e a travessia de rios e demais locais históricos da primeira grande guerra com facilidade pelos alemães geravam incredulidade, medo e terror entre os generais franceses, que se viam diante de uma força militar que parecia invencível.

Em 10 de junho os alemães cruzaram o rio Sena e o governo francês foi transferido para Tours, dois dias depois, a cidade é declarada aberta.¹⁷⁴



175

As tropas francesas não conseguiram organizar uma defesa eficiente para proteger a cidade, depois das derrotas na Bélgica, o sistema de defesa mais profundo estava estabelecido entre os rios Somme e Aisne. Contudo, a luta, naquele momento estava perdida, tanto que, em 22 de junho de 1940, as condições alemãs foram aceitas pelos franceses. Simbolicamente, a rendição e o armistício ocorreram na mesma cidade, e local e até o vagão de trem, onde em 1918, fora assinado a rendição alemã, no contraponto que agora quem se curvava eram os franceses,¹⁷⁶ ironias da história, noticiada com destaque.

¹⁷² **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1940, número 136 do ano L, p.7.

¹⁷³ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1940, número 137 do ano L, p.7.

¹⁷⁴ É o termo dado a uma cidade que está na eminência de ser atacada, e para se evitar sua destruição as autoridades a declaram cidade aberta, pois, não haverá formas formais de defesa da mesma.

¹⁷⁵ **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1940, número 139 do ano L, p.8.

¹⁷⁶ Young, Perter. Op. Cit. p.50.



177

Usufruindo as suas vitórias até então, Hitler quis concluir a sua vitória, demonstrando a vingança germânica da Primeira Guerra Mundial mediante a imposição de um acordo, numa proposta de um armistício vergonhoso para uma grande potência que caiu em semanas. No mesmo local dos acordos de 1918, os generais Hitler impuseram as condições aos franceses, cessando formalmente as hostilidades.

Apesar da rendição de Paris, algumas lutas continuaram em território francês, a principal foi as batalhas na linha Maginot, onde haviam importantes fortificações para evitar uma possível invasão alemã. Apesar do armistício assinado em 25 de junho, algumas unidades se renderam somente em 10 de julho. Das 58 principais fortificações da Linha Maginot, apenas 10 foram capturados pela *Wehrmacht* em batalha, as outras se renderam.¹⁷⁸

Em menos de 10 meses, demonstrando a força da guerra relâmpago, a Alemanha tinha conquistado a Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, e a França. A força conjunta de várias armas em um ponto forte, sendo a ponta de lança juntamente com o elemento surpresa e desenvolvimento tecnológico com uma comunicação eficiente, foram a forma ideal para que uma nação sozinha pudesse vencer tantos países, desenvolvida como resposta as necessidades do campo de batalha ela revelou-se um valoroso elemento tático e estratégico possibilitando o sucesso militar alemão.

¹⁷⁷ *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1940, número 145 do ano L, p.8

¹⁷⁸ Romanych, M. and Rupp, M. *Maginot Line 1940: Battles on the French Frontier*. Osprey, Oxford. 2010, p. 91.

Considerações finais

Submetida às cláusulas do Tratado De Versalhes a Alemanha, em ruína econômica, além de perder importantes regiões econômicas sob o seu anterior domínio, viu-se obrigada a pagar pesadas dívidas do conflito. Ademais se deparou com um cenário de restrições militares em que se determinou que o seu exército não poderia ter mais de 100.000 homens entre oficiais e soldados, a marinha ficaria com 15.000 e não poderia contar com força aérea, sendo-lhe vedado desenvolver novas armas, tanques e/ou aviões de combate.

Nesse contexto de humilhação política e de dificuldades econômicas, Adolf Hitler e seus seguidores do Nacional Socialismo, alimentando o ódio dos indivíduos inflamaram as multidões com o gosto de vingança, o desejo de melhorias de suas condições financeiras e de uma Alemanha forte e unida, capaz de superar as humilhações e de superar a crise econômica.

Em 1935, desobedecendo ao Tratado de Versalhes, Hitler reestruturou as forças armadas da Alemanha. Contudo, para ressurgir como potência militar, a Alemanha precisava aumentar a sua força econômica, ampliar a sua disponibilidade de matéria prima e desenvolver uma indústria forte. Para tanto, foi estipulado um plano de crescimento de quatro anos com o objetivo e alcançar a autossuficiência do país em relação às importações e de obter o crescimento econômico, militar e o desenvolvimento tecnológico.

Em tal propósito, os gastos com a administração saltaram de 1,5% da renda nacional, em 1933, para 21%, em 1938. E os dispêndios com as forças armadas subiram de 1,5% para 21% do PIB o que representou um aumento de 14 vezes, enquanto a renda apenas duplicou. Em paralelo ao aumento dos gastos militares, a Alemanha nazista investiu pesadamente em novas tecnologias e desenvolveu outras que já tinham sido usadas na Primeira Guerra Mundial, tais como: o uso da metralhadora, tanques e submarinos que já se mostrara eficaz.

Hitler enfatizou as forças terrestres, o exercito, dotando-o de transportes, armas leves e tanques no intuito de dar-lhe uma maior capacidade efetiva de ação e poderio, não deixou de construir uma importante força naval, principalmente na área dos submarinos, além de investir em fortificações costeiras e artilharia antiaérea.

Na busca por novas maneiras de se fazer a guerra entendeu-se que as táticas militares e as tecnologias deveriam estar unificadas, potencializando os seus usos. Assim sendo, o primeiro passo dado foi a progressivo avanço dos tanques de combate em sua funcionalidade e aerodinâmica: melhorias nas suspensões permitiram um maior conforto para as guarnições, a plataforma de tiro foi estabilizada, os motores tornaram-se mais potentes, a proteção blindada mais eficaz, em razão da espessura, composição e qualidade do aço e a visibilidade melhorou consideravelmente. Finalmente, aperfeiçoaram os seus sistemas de comunicação interna (feita através de luzes) e externa (mediante radiotransmissores e receptores) favorecendo missões de profundidade.

Ademais, as forças armadas alemãs dedicaram-se a elaboração de novas estratégias e táticas de combate. Voltaram-se ao estudo de novas formas de fazer guerra. Tanto por estarem em uma situação mais vulnerável do ponto de vista tecnológico, se comparadas com as grandes potências europeias, quanto porque aquela época pedia formas de combate mais eficientes do que as utilizadas na Primeira Guerra, em que se necessitava de grandes mobilizações humanas para a conquista de alguns metros de terreno. O desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos aviões e tanques demandou a atualização da forma de fazer guerra.

Neste contexto surgiu a blitzkrieg, um novo método de guerra pelo qual uma força de ataque, liderada por uma densa concentração de blindados e infantaria motorizada com um adequado apoio aéreo, força um avanço na linha inimiga de defesa através de uma série de ataques poderosos e rápidos, e uma vez no território do opositor serve-se do fator surpresa e da mobilidade rápida para avançar na região e, em seguida, cercar e atacar pela retaguarda os flancos do inimigo. A sua lógica é o emprego de armas combinadas em guerra de manobras, de forma a desequilibrar o inimigo, tornando mais difícil para eles, responder de forma eficaz, pois a frente de batalha muda continuamente.

Na prática tal ação revelou-se tática e operacionalmente, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, em que os alemães empregaram meios estratégicos que resultaram em uma série de batalhas rápidas e decisivas com a finalidade de desfigurar golpes rápidos aos estados inimigos, antes que eles pudessem se mobilizar plenamente. Taticamente, a blitzkrieg envolvia um esforço militar coordenado entre infantaria, artilharia e apoio aéreo, consolidando uma superioridade bélica esmagadora em locais específicos, para subjugar o inimigo e romper suas linhas.

No campo de batalha a primeira vez que a nova estratégia foi utilizada foi na invasão alemã a Polônia, em que a Alemanha com uma força esmagadora, compostas

com quatro exércitos, deslocados a partir da Prússia Oriental, da Pomerânia, da Silésia e da Eslováquia, colocam em prática sua ofensiva. O primeiro passo foi o bombardeio naval executado a partir do cruzador-couraçado Schleswig-Holstein, seguido por um amplo ataque aéreo, que em dois dias destruiu a força aérea polonesa. Partiu-se, então para o avanço por terra que tinha o apoio de “stukas” – bombardeios de mergulho, certos em seus ataques –, em que, seguindo-se a estratégia pré-estabelecidas em treinamentos os aviões davam apoio aos avanços em terra. As divisões blindadas abriram caminho para o avanço da infantaria e da artilharia que as acompanhavam com suas forças autopropulsadas.

O fato é que a invasão da Polônia revelou ao mundo uma nova tática de batalha rápida e profunda num cenário totalmente diferente da Primeira Guerra Mundial, a velocidade dos motores e dos aviões ditou o ritmo dos combates e dos avanços. Evidenciou, ao olhar incauto das potências ocidentais que, se por um lado o exército alemão não estava totalmente modernizado, por outro, tinha a seu favor uma nova forma de fazer a guerra: a tática de usar um ponto forte na linha de ataque, uma ponta de lança, com apoio aéreo e artilharia motorizada, o que fez com os seus avanços fossem rápidos e as vitórias contundentes.

Consolida-se, a partir de então, a expressão guerra relâmpago, com realce ao fato de que os efeitos e a velocidade das conquistas alemãs eram algo extremamente surpreendente, principalmente diante do fato de que a recente primeira guerra mundial fora de trincheiras. Em oito dias de batalha o avanço sobre as 150 mil milhas, ou seja, de 241 mil quilômetros quadrados evidenciaram uma velocidade até então desconhecida, no âmbito militar, o que causava espantos em várias partes do mundo.

E esse foi apenas o primeiro passo escalada, em menos de 10 meses, demonstrando a força da guerra relâmpago, a Alemanha tinha além conquistado a Polônia, Dinamarca, Noruega, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, e a França. A força conjunta de várias armas em um ponto forte, sendo a ponta de lança juntamente com o elemento surpresa e desenvolvimento tecnológico com uma comunicação eficiente, foram a forma ideal para que uma nação sozinha pudesse vencer tantos países, desenvolvida como resposta as necessidades do campo de batalha, a guerra relâmpago revelou-se um valoroso elemento tático e estratégico possibilitando o sucesso militar alemão, neste início da guerra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELSHAUSER, W. **Germany: guns, butter, and economic miracles**”. In: **The Economics of World War II: Six Great Power in International Comparison**, Cambridge University Press, Cambridge, U.K., 2000.

ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. Brasília: Ed. UnB, 1986.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade: para uma teoria geral da política**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

BOND, Brian. **Britain, France and Belgium, 1939–1940**. London: Brassy's, 1990

BULL, Hedley. **A Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial**. Brasília: ed. UnB, São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

CALVOCORESSI, Peter; Wint, Guy; Pritchard. John; **The Penguin History of the Second World War**; New York, Penguin Books, 1999.

CAPELATO, M. H. R. **História e imprensa**. São Paulo: EDUSP/Contexto, 1988.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHAMBELAIN, Peter and Doyle, Hilary L., **Encyclopedia of German Tanks**, Of Word War Two, a complete illustrated directory of German battle tanks, armoured car, self-propelled guns and semi-tracked vehicles, 1933-1945. Technical editor: Thomas L. Jentz.

CITINO, Robert Michael, **The Path to Blitzkrieg: Doctrine and Training in the German Army, 1920–1939**, Boulder: Lynne Rienner 1999.

CORUM, James S. **The Luftwaffe: Creating the Operational Air War, 1918–1940**. University Press of Kansas. (Tradução livre). 1997.

CORUM, James, **The Roots of Blitzkrieg: Hans von Seeckt and German Military Reform, Modern War Studies**, Lawrence: University Press of Kansas, 1992

E GLANTZ, David M.; House, Jonathan M. **The Battle of Kursk. Modern war studies.** Lawrence, Kan: University Press of Kansas, 1999.

EVANS, Martin Marix. **The Fall of France: Act of Daring.** Osprey, Oxford. 2000

EVANS, Richard j.; tradução Brito, Lucia; **O Terceiro Reich No Poder**, 1.ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FANNING, William Jr. (April 1997). "The Origin of the term "Blitzkrieg": Another view". *Journal of Military History* 61.

FEIJÓ, Ricardo Luís Chaves; **Uma interpretação do Primeiro Milagre Econômico Alemão (1933 – 1944)**; *Revista de Economia Política*, volume 29, número 2(114), abril – junho / 2009.

FRIESER, Karl-Heinz, **Blitzkrieg-Legende: Der Westfeldzug 1940, Operationen des Zweiten Weltkrieges [The flash war legend] (in German)**, München: R. Oldenbourg 1995.

FRIESER, Karl-Heinz; Greenwood, John T. (2005). **The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West.** Annapolis: Naval Institute Press. (Tradução livre).

Glantz, David M.; House, Jonathan M. **The Battle of Kursk.** Modern war studies. Lawrence, Kan: University Press of Kansas, 1999.

GUDERIAN, Heinz, **Panzer Leader** New York Da Capo Press, 1952. (Reissue edition, 2001). (Tradução livre).

GUDERIAN, Heinz; tradução De Paula, Luiz Carlos Carneiro; **Achtung, Panzer! O desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914 – 1937).** Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 2009.

GUNSBURG, Jeffery A., **The Battle of the Belgian Plain, 12–14 May 1940: The First Great Tank Battle,** *The Journal of Military History*, 1992.

HARRIS, J. P. (November 1995). "The Myth of Blitzkrieg". *War in History*.

HEALY, Mark, Ed. Prigent, John &. *Panzerwaffe: The Campaigns in the West 1940. Vol. 1.* London. Ian Allen. 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos, o breve século XX.** São Paulo: Cia Letras, 1995.

HOOTON, E.R. **Luftwaffe at War: Gathering Storm 1933–39: Volume 1.** London: Chevron/Ian Allan, 2007.

JOHN T. **The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West.** Annapolis: Naval Institute Press, 2005.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 02 de junho de 1940, número 128 do ano L, p.8

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1939, número 207 do ano XLIX, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1939, número 208 do ano XLIX, p.9.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 05 de junho de 1940, número 130 do ano L, p.8

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1939, número 211 do ano XLIX, p.8.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1939, número 215 do ano XLIX, p.9.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1939, número 215 do ano XLIX, p.9.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1940, número 85 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1940, número 136 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1940, número 110 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1940, número 86 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1940, número 137 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1940, número 139 do ano L, p.8.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1940, número 112 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1940, número 112 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1939, número 220 do ano XLIX, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1939, número 222 do ano XLIX, p.8.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1939, número 223 do ano XLIX, p.9.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1940, número 117 do ano L, p.7

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1940, número 145 do ano L, p.8

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1940, número 125 do ano L, p.7.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1940, número 125 do ano L, p.8.

KEEGAN, John. **The Second World War**. New York: Penguin Books, 1989.

KRAUSE, M. and Phillips, C. **Historical Perspectives of Operational Art**. Center of Military History Publication. 2006.

LENHARO, Alcir. **Nazismo “o triunfo da vontade”**. São Paulo: Ática, 2003.

LUMSDEN, Robin. **A Collector's Guide To: The Waffen-SS**, Ian Allan Publishing, Inc.

MERCATANTE, Steven, **Why Germany Nearly Won: A New History of the Second World War in Europe**, January 2012.

NEITZEL, Söhnke and Harald Weltzer. **Soldaten: On Fighting, Killing and Dying: The Secret World War Tapes of German POWs**. New York: Simon & Schuster, 2012,

NEW POP DEFIED NAZIS AS TEEN DRURIGN WWII." *The New York Times*. Retrieved: 1 February 2010.

OUTZE, Børge. *Danmark under anden verdenskrig*. Copenhagen: Hasselbalch, 1962.

PETZINA, D. **Autarkiepolitik im Dritten Reich. Der national-sozialistische Vierjahres plan.** Schriftenreihe der Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte, vol. 16, Stuttgart. 1968.

RIBEIRO, J. J. **O que é Nazismo?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ROMANYCH, M. and Rupp, M. **Maginot Line 1940: Battles on the French Frontier.** Osprey, Oxford. 2010.

SAINT-PIERRE, Héctor Luís. **A política Armada: fundamentos da luta armada.** São Paulo: ed. Unesp, 2002.

SHIRER, William L.; tradução De Carvalho, Leônidas Gontijo; **Ascensão e Queda do Terceiro Reich, Volume III**, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

STACKELBERG, Roderick. **A Alemanha de Hitler: Origens, Interpretações, Legados.** Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002.

TRATADO DE VERSALHES, disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/imt/partviii.asp>. Acesso em 10 de novembro de 2013.

THEODOR V. Reinaldo, **A Batalha do Rio Bzura.** Edição online visualizada em 18/12/2014 no sitio http://www.clubesome.org/sitenovo/images/arquivos/militaria/batalhas/Batalha_do_Bzura.pdf.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios de crítica da cultura.** São Paulo: Edusp, 1994.

YOUNG, Perter; tradução KRESTAN, Rodolfo Eduardo; **Segunda Guerra Mundial;** São Paulo, Editora Círculo do Livro.